

ILUSTRAÇÃO



SUSAN FLEMING, UMA NOVA «ESTRÊLA» QUE O CINEMA NOS PROMETE

As melhores obras de JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versão portuguesa autorizada pelo autor e editores, feita pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1—**DA TERRA A LUA**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos. 1 vol.
- 2—**A RODA DA LUA**, 1 vol.
- 3—**A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS**, 1 vol.
- AVENTURAS DO CAPITÃO HAT-TERAS:**
- 4—1.ª parte—*Os ingleses no Polo Norte*. 1 vol.
5—2.ª parte—*O deserto de gelo*. 1 vol.
- 6—**CINCO SEMANAS EM BALÃO**, 1 vol.
- 7—**AVENTURAS DE TRES RUSSOS E TRES INGLESES**, 1 vol.
- 8—**VIAGEM AO CENTRO DA TERRA**, 1 vol.
- OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT:**
- 9—1.ª parte—*América do Sul*. 1 vol.
10—2.ª parte—*Austrália Meridional*. 1 vol.
11—3.ª parte—*Oceano Pacifico*. 1 vol.
- VINTE MIL LÉGUAS SUBMARI-
NAS:**
- 12—1.ª parte—*O homem das águas*. 1 vol.
13—2.ª parte—*O fundo do mar*. 1 vol.
- A ILHA MISTERIOSA:**
- 14—1.ª parte—*Os naufragos do ar*. 1 vol.
15—2.ª parte—*O abandonado*. 1 vol.
16—3.ª parte—*O segredo da ilha*. 1 vol.
- MIGUEL STROGOFF:**
- 17—1.ª parte—*O correio do Czar*. 1 vol.
18—2.ª parte—*A invasão*. 1 vol.
- O PAÍS DAS PELES:**
- 19—1.ª parte—*O eclipse de 1860*. 1 vol.
20—2.ª parte—*A ilha errante*. 1 vol.
- 21—**UMA CIDADE FLUTUANTE**, 1 vol.
- 22—**AS INDIAS NEGRAS**, 1 vol.
- HEITOR SERVADAC:**
- 23—1.ª parte—*O cataclismo cósmico*. 1 vol.
24—2.ª parte—*Os habitantes do cometa*. 1 vol.
- 25—**O DOUTOR OX**, 1 vol.
- UM HERÓI DE QUINZE ANOS:**
- 26—1.ª parte—*A viagem fatal*. 1 vol.
27—2.ª parte—*Na África*. 1 vol.
- 28—**A GALERA CHANCELLOR**, 1 vol.
- 29—**OS QUINHENTOS MILHÕES DE BEGUN**, 1 vol.
- 30—**ATRIBUIÇÕES DE UM CHINÊS NA CHINA**, 1 vol.
- A CASA A VAPOR:**
- 31—1.ª parte—*A chama errante*. 1 vol.
32—2.ª parte—*A ressuscitada*. 1 vol.
- A JANGADA:**
- 33—1.ª parte—*O segredo terrível*. 1 vol.
34—2.ª parte—*A justificação*. 1 vol.
- AS GRANDES VIAGENS E OS GRANDES VIAJANTES:**
- 35—1.ª parte—*A descoberta da terra*. 1.º vol.
36—1.ª parte—*A descoberta da terra*. 2.º vol.
37—2.ª parte—*Os navegadores do século XVIII*. 1.º vol.
38—2.ª parte—*Os navegadores do século XVIII*. 2.º vol.
39—3.ª parte—*Os exploradores do século XIX*. 1.º vol.
40—3.ª parte—*Os exploradores do século XIX*. 2.º vol.
- 41—**A ESCOLA DOS ROBINSONS**, 1 vol.
- 42—**O RAIOS VERDE**, 1 vol.
- KERABAN, O CABEÇUDO:**
- 43—1.ª parte—*De Constantinopla a Scutari*.
44—2.ª parte—*O regresso*. 1 vol.
- 45—**A ESTRELA DO SUL**, 1 vol.
- 46—**OS PIRATAS DO ARQUIPELAGO**, 1 vol.
- MATIAS SANDORFF:**
- 47—1.ª parte—*O pombo correio*. 1 vol.
48—2.ª parte—*Cabo Matifoux*. 1 vol.
49—3.ª parte—*O passado e o presente*. 1 vol.
- 50—**O NAUFRAGO DO «CYNTHIA»**, 1 vol.
- 51—**O BILHETE DE LOTERIA N.º 9:672**, 1 vol.
- 52—**ROBUR, O CONQUISTADOR**, 1 vol.
- NORTE CONTRA SUL:**
- 53—1.ª parte—*O ódio de Texar*. 1 vol.
54—2.ª parte—*Justiça!* 1 vol.
- 55—**O CAMINHO DA FRANÇA**, 1 vol.
- DOIS ANOS DE FÉRIAS:**
- 56—1.ª parte—*A escuna perdida*. 1 vol.
57—2.ª parte—*A colónia infantil*. 1 vol.
- FAMÍLIA SEM NOME:**
- 58—1.ª parte—*Os filhos do traidor*. 1 vol.
59—2.ª parte—*O padre Joan*. 1 vol.
- 60—**FORA DOS EIXOS**, 1 vol.
- CÉSAR CASCABEL:**
- 61—1.ª parte—*A despedida do novo continente*. 1 vol.
62—2.ª parte—*A chegada ao velho mundo*. 1 vol.
- A MULHER DO CAPITÃO BRANICAN:**
- 63—1.ª parte—*A procura dos naufragos*. 1 vol.
64—2.ª parte—*Deus dispõe*. 1 vol.
- 65—**O CASTELO DOS CARPATHOS**, 1 vol.
- 66—**EM FRENTE DA BANDEIRA**
- A ILHA DE HELICE:**
- 67—1.ª parte—*A cidade dos biliões*. 1 vol.
68—2.ª parte—*Distúrbios no Pacifico*. 1 vol.
- 69—**CLOVIS DARDENTOR**, 1 vol.
- A ESFINGE DOS GELOS:**
- 70—1.ª parte—*Viagens aos mares austrais*. 1 vol.
71—2.ª parte—*Lutas de marinheiro*. 1 vol.
- 72—**A CARTEIRA DO REPÓRTER**, 1 vol.
- O SOBERBO ORENOCO:**
- 73—1.ª parte—*O filho do coronel*. 1 vol.
74—2.ª parte—*O coronel de Kermor*. 1 vol.
- 75—**UM DRAMA NA LIVÓNIA**, 1 vol.
- 76—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 1.º vol.
- 77—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 2.º vol.
- 78—**A INVASÃO DO MAR**, 1 vol.
- 79—**O FAROL DO CABO DO MUNDO**, 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—R. Garrett, 73-75—LISBOA

Novidade literária

JULIO DANTAS

ALTA RODA

2.^a EDIÇÃO

As ideias de Lady Bradfield - A luva - Segunda mocidade - Crianças - Suas Magestades - Velocidade - O baile da Embaixada - O direito dos filhos - As rosas de Sœur Jeanne - A boneca e os quatro maridos - Os pais dos nossos netos - O «Prelúdio» de Rachmaninoff - Sua Excelência a ministra - A campanha de alarme - Paz amarela - Diálogo radiofónico - Escola de maridos - As palmadas de Santo Onofre.

1 vol. de 260 págs., enc..... 15\$00
broch 10\$00

Pedidos à
S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80
LISBOA

CONCELHOS ÚTEIS
BRONZAGEM DO
COBRE EM NE-
GRO

Faz-se dissolver em ácido azotico uma parte de cloreto de ouro, e outra de oxido de zinco; terminada a dissolução, fricciona-se com ela o objecto a bronzear, deixando secar e lavando-o depois em agua clara.

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Editor: Francisco Amaro
Composto e impresso na Imprensa da PORTUGAL-BRASH.
Rua da Alegria, 100—Lisboa
PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular.	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colonias	—	63\$00	126\$00
(Registada)	—	67\$50	135\$00
Brasil	—	66\$00	132\$00
(Registada)	—	71\$00	150\$00
Outros países	—	71\$00	150\$00
(Registada)	—	84\$00	168\$00

Administração—Rua Anchieta, 31, 1.^o—Lisboa

Visado pela Comissão de Censura



Embelezam, Rejuvenescem, Eternizam a mocidade! *Estou com 7 amostras 14\$00, pelo correio 15\$00* — Peça-os ao seu fornecedor ou directamente à **Academia Scientifica de Beleza**—Av. da Liberdade, 35—Lisboa

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL



**Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulverisa-
ções, etc. — — — —**

**FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — — —**

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72



**Infância
Saudavel e Feliz**

Quando, após os críticos primeiros meses do bebé os seus membros começam a desenvolver-se com vigor, são bem notáveis os benéficos efeitos que provêm de começar cedo a ministrar os afamados ALIMENTOS ALLENBURYS de composição semelhante á do leite materno e com a necessária dose de Vitamina D—elemento essencial á formação perfeita dos ossos e dos dentes

À venda nas boas farmácias e mercearias

Peça V. Ex.^a um folheto gratis

'Allenburys'
série de alimentos para crianças

Fabricantes: ALLEN & HANBURY LTD., LONDRES.
Sub-agente no PORTO: Farmácia Sarabando, L. Loios, 35.
Representantes no País: COLL TAYLOR LDA., R. Douradores
29-1.^o-LISBOA. Telef. 21476. Teleg. DELTA.

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS



Verdadeira Enciclopédia da Vida Prática

COLEÇÃO METÓDICA DE **6.380** RECEITAS
 OBRA ILUSTRADA COM **198** GRAVURAS
 A MAIS COMPLETA DE QUANTAS EXISTEM PUBLICADAS

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sobre **todos os ramos profissionais e artísticos** a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluídos conhecimentos de valia

Obra de incontestável utilidade para toda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

são tratados assuntos que muito interessam à vida prática, como os referentes a: ORNAMENTAÇÃO DO LAR — MEDICINA PRÁTICA — SOCORROS DE URGENCIA — MOBILIÁRIO — LAVANDERIA — FARMÁCIA DOMÉSTICA — JARDINAGEM — PRODUTOS ALIMENTARES — COLAS, GOMAS, VERNIZES E TINTAS — PERFUMARIA — ILUMINAÇÃO E CALEFAÇÃO — SEGREDOS DO TOUCADOR — CONSERVAS — ANIMAIS DOMÉSTICOS — MANUAL DO LICOREIRO — METAIS — LIGAS E CIMENTOS — COURO E PELES — ANIMAIS DANINHOS — COPA E DOÇARIA — LAVORES FEMININOS — HIGIENE DA BELEZA — PASSATEMPOS — LAVAGEM DE NÓDOAS — TECIDOS E VESTUÁRIO — VIDRARIA — ADUBOS — HORTICULTURA — VETERINÁRIA — VINICULTURA E VITICULTURA, ETC.

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

abrange tudo quanto importa conhecer, especializando-se pelo desenvolvimento, nunca atingido em obras similares, das secções em que o dividimos

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

1 grosso volume de 1.152 páginas lindamente encadernado em percalina a côres e ouro, custa apenas 30\$00

Pedidos às boas livrarias

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL — Rua da Condessa, 80 — LISBOA

ULTIMOS EXEMPLARES

Almanach Bertrand

Fundado por Fernandes Costa e coordenado por D. Maria Fernandes Costa

UNICO NO SEU GENERO EM PORTUGAL

A mais antiga e de maior tiragem de todas as publicações em lingua portuguesa — **Recreativo, Ameno, Instrutivo** — Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros — Passatempo e Enciclopédia de conhecimentos úteis, colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos.

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 441 gravuras, cartonado	10\$00
Encadernado luxuosamente	18\$00

34.º — ANO — 1933

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Pedidos á LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Dicionários do Povo

Colecção de dicionários na ortografia oficial, portáteis, económicos, completos, indispensáveis em todas as famílias, escolas, bibliotecas, escritórios comerciais e repartições públicas. Dicionários publicados:

- N.º 1 — **Português** — 860 págs.
 N.º 2 — **Francês-português** — 800 págs.
 N.º 3 — **Português-francês** — 818 págs.
 N.º 4 — **Inglês-português** — 920 págs.
 N.º 5 — **Português-inglês** — 664 págs.
 N.º 6 — **Latim-português** — 552 págs. (Letras A-O).
 N.º 7 — **Idem** — 576 págs. (Letras P-Z).
 N.ºs 2 e 3 juntos — **Francês-português e Português-francês.**
 N.ºs 4 e 5 juntos — **Inglês-português e Português-inglês.**
 N.ºs 6 e 7 juntos — **Latim-português.**

Cada dicionário enc. em percalina. **15\$00**

Os dois dicionários juntos, enc. **28\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
 R. Garrett, 73, 75 — LISBOA

Biblioteca de Instrução Profissional

UMA OBRA DE ALTO VALOR

VOCABULÁRIO

DE

TERMOS TÉCNICOS

EM

Português, francês e inglês

COM 6.318 VOCABULOS

Pelo engenheiro-maquinista

RAUL BOAVENTURA REAL

1 vol. de 557 págs., encadernado

30\$00

PEDIDOS A

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75

LISBOA



Depois das Compras

Subsiste às vezes uma leve sensação de cansaço ou mesmo tendência para dores de cabeça.

Para afastar a fadiga e restaurar o bem estar, beba uma chavena desse nectar que refresca, estimula e delicia — **CHA HORNIMAN**

Nenhum chá como este conquista mais depressa o paladar de uma pessoa que se considere de gosto exigente.

O chá HORNIMAN tem perfume, fragancia e delicadeza — é inconfundível.

Ha 100 anos que se vende em todo o Mundo e a sua celebridade provem da sua pureza e da sua qualidade excelsa.

O chá HORNIMAN é o mais economico tambem, porque com menos quantidade do que qualquer outro, fará uma infusão deliciosa.



Adicionando-lhe na chavena algumas gotas de leite, torna-lo-á esplendido.

CHÁ HORNIMAN

Que se obtem em todos os estabelecimentos, mas sómente em pacotes de 14—50—125 e 250 gramas.

O genial romance da guerra

Os Grilhetas do Kaiser

por **THEODORE PLIVIER**

marinheiro alemão durante a **Grande Guerra no Mar**

Um brutal quadro realista que é a mais bela obra da literatura alemã dos nossos dias. **A batalha da Jutlandia** e os seus horrores, visto por um marujo russo

1 vol. broc. com 260 págs. 10\$00

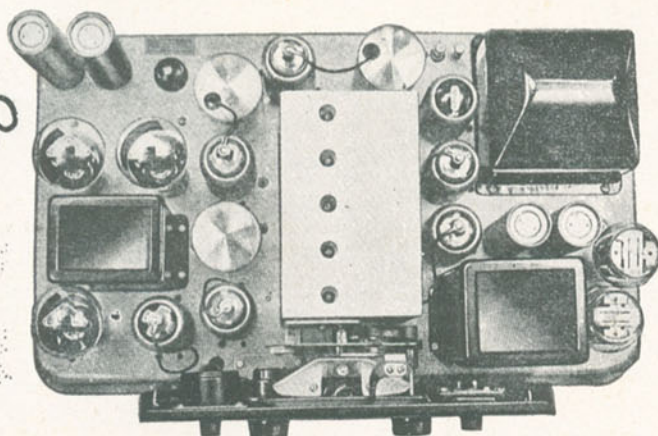
Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

ATWATER KENT

RADIO

VEJA ESTE CHASSIS
GRANDE FUNCIONAMENTO
GRANDE POTENCIA
GRANDE SELECTIVIDADE



Todos os aparelhos ATWATER KENT são equipados com as lampadas **ARCTURUS** de vidro azul

...O PODEROSO CORAÇÃO DE UM VERDADEIRO RECEPTOR!

Distribuidor geral:
ATWATER KENT RADIO
 Raza, 410
 VILA NOVA DE GAIA

Distribuidor no Centro e Sul:
NACIONAL RADIO, L. DA
 Rua da Betesga, 57, 1.º
 Telef. 2 6251 LISBOA

Distribuidor no Norte:
ELECTRONIA, L. DA
 Praça da Batalha, 119
 PORTO

Antologia Portuguesa

Verdadeiro tesouro da língua portuguesa, esta colecção destina-se a tornar facilmente conhecidos os melhores prosadores e poetas portugueses, antigos, modernos e contemporâneos

Ordenada, prefaciada e enriquecida de notas e comentários pelo
Dr. Agostinho de Campos

Volumes já publicados:

- Afonso Lopes Vieira** (1 vol.)
- Alexandre Herculano** (1 vol.)
- Antero de Figueiredo** (1 vol.)
- Augusto Gil** (1 vol.)
- Camões lírico** (4 vols.)
- Eça de Queirós** (2 vols.)
- Fernão Lopes** (3 vols.)
- Frei Luís de Sousa** (1 vol.)
- Guerra Junqueiro** (1 vol.)
- João de Barros** (1 vol.)
- Lucena** (2 vols.)
- Manuel Bernardes** (2 vols.)
- Paladinos da linguagem** (3 vols.)
- Trancoso** (1 vol.)

Estes volumes são do formato de 12x19 e têm 320 a 360 páginas

Cada volume brochado 12\$00
 Cada volume encadernado 16\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



Sente-se doente? Não sabe o que tem? Mas é novo ainda, a sua idade não justifica esse nervosismo, esse mal-estar . . . Não se deixe vencer por dores e indisposições. Tem um remédio fácil — a Cafiaspirina, produto completamente inofensivo para o organismo, que o libertará de todas as dores, restituindo-lhe o bem-estar e a alegria de viver.

Cafiaspirina



O PRODUTO DE CONFIANÇA

Crónica da Quinzena

DEPOIS de intensa propaganda, em que o «Seculo» se empenhou durante meses, desenvolveu a sua ação, plena de exito, a Semana do Mutualismo. De norte a sul do paiz, com vigor e brilho não vulgar, explodiu o movimento que teve por fim ensinar a todos os portugueses a função e prestimos da pratica social do auxilio mutuo e cooperativismo, dois titulos significando o mesmo processo maravilhoso de amenisar e resolver as dificuldades da vida civilisada.

Entre as muitas iniciativas meritorias, de elevado interesse publico, tomadas pelo jornal portuguez, esta merece consideração especial, tanto pelo objectivo, como pela oportunidade do trabalho demonstrativo e suggestivo, apresentado á vultuosa maioria, ou quasi totalidade da população.

Pode crêr-se que a maneira vigorosa, de esforço integral, aplicada ao emprehendimento, fez com que raros ficassem alheios ao tema versado.

Mesmo os mais distraidos, indiferentes ou rebeldes a tomar conhecimento do que ocorre na sua proximidade, tiveram de perceber e ficar ciêntes de que existe um sistema de solidariedade e relações amigas entre os homens, muito util em situação de desdita, como de boa fortuna, a que se dá o nome já referido.

Foi das cidades ás vilas, e chegou ás serras, a noticia de que o metodo da cooperação voluntaria representa o refugio heroico e salutar das sociedades humanas, no momento que o mundo atravessa. O «Século» conseguiu demonstrar que o recurso presta para os individuos, como para os agrupamentos maiores e menores nesta hora fartos de aguentar com os prejuizos causados pela tendencia contraria do isolamento e dissociação.

Temos de reconhecer que o muito falar em colectivismo corresponde a um acrescimo de egoismo nas pessoas singulares, bem como nos organismos nacionais.

Emquanto as bôcas pedem o desaparecimento do particular, a instituição do comunitário, os actos demonstram o

agravamento da desunião e a baixa do ideal cooperatista.

O espirito de colectividade que nasce da compreensão e respeito por um bem destinado a todos, não progride. Parece que os corações o repudiam, á medida que vozes mentirosas o requerem.

A propaganda do «Seculo» veio pois no instante preciso. Pregando a cooperação, o acordo, o auxilio mutuo, indicou o unico meio que resta para salvar a humanidade de uma catastrophe e a civilisação da ruina.

*
* *

Desembarcaram em terra portuguesa algumas dezenas de espanhoes, evadidos da Mauritania, para onde os arremessára o vendaval político que há tempos assóla o país visinho. Vieram como os da Nau Catrineta cheios de fome, de frio, de penúria e com muito que contar. Foram êles que, sem aviso prévio, falhos de roupas, alimentos, agasalho, em 12 de Setembro último, tiveram de entrar numa barçaça, que se fez ao mar, levando-os amontoados como reses até ao areal dos trópicos onde os despejou. Ali encontraram o calor tórrido, a nula higiene, o desconforto, a malquerença das bestias que a paixão dominante assulou o furor.

No trato recebido tiveram ocasião de reconhecer que os homens reagem do mesmo modo em tôdas as latitudes, quando submetidos a determinadas influências. Desde os povos mais cultos aos mais ignaros, os ruins instintos refluem, quando agitados por sentimentos que, toldando o lastro da consciência, obscurecem o juizo. O espanhol, depois de encandeado pelo ódio sectário, procede como o russo, como na sua hora procedeu o francês, como procederá o inglês, se a má ventura o conduzir à triste contingência da revolta social.

O fenómeno que presenciáram, servir-lhes-á, emquanto fruírem a nossa tranquillidade actual e com ela se deliciarem, para medir o êrro de crítica

cometido pelos que, no momento de perturbação, vilipendiaram Portugal. Talvez que entre os refugiados, até nós trazidos pelo desembarque de Cesimbra, venha quem haja zombado da nossa desordem, das nossas faltas de humanidade, dos destemperos de caracter que manifestamos durante a crise de regimen. Esses verificam agora que ninguém pôde dizer «desta água não beberei».

Preste-lhes a prova para se penitencarem da injustiça, se a praticaram, depois para se regosijarem verificando, em face da nossa experiência, que também «não há mal que não acabe». Os dois provérbios portugueses definem-lhes com bastante clareza o passado, o presente e o futuro que pôde interessar-lhes.

Esperemos que o ambiente de amabilidade e cordealidade, o próprio da indole portuguesa, lhes avigore a esperança de verem, a República Espanhola depois de passada a verdura ou cruesa, adquirir a sisudez já conquistada pelas irmãs mais velhas que com ela habitam paredes meias.

*
* *

Augusto de Castro, o escritor inconfundível que se fez diplomata, publicou, em italiano, um trecho curto e valioso, com o título de «Sant'Antonio nell'Arte». O espirito delicado, efervescente, do auctor de uma dusia de livros cheios de graça, transparece sob a gravidade do têma agora escolhido. Revela-se na fluidez do estilo, na simplicidade que a lenda do nosso santo popular requeria para ser bem referida.

A obra tem o mérito de mostrar aos italianos o nosso Santo António de Lisboa que difere muito do Santo António de Pádua, por êles venerado. E sendo a figura bela nas duas feições, bem justo é que igualmente se conheçam ambas, tanto na patria do berço, como na de combate e mortalha.

Bem haja Augusto de Castro pela obra meritória que praticou.

O gabinete do director de um Banco. Paredes forradas de seda verde. Grandes armários holandeses. Maples. Sôbre a mesa — pesado bufete português — uma faiança de Delft, com rosas. O BANQUEIRO, cincoenta anos, magro, distinto, grisalho, expressão doentia, palidez impressionante, entra, deixa o sobretudo nas mãos do «groom», senta-se, tira do bôlso uma carta lacrada e um molho de chaves.

O GROOM — Chamo o sr. Parker?
O BANQUEIRO — Não é preciso. Entrega-lhe esta carta e estas chaves quando eu sair. — Miss Mabel já chegou?

O GROOM — Já, sim, senhor doutor.
O BANQUEIRO — Chama-a. Não recebo mais ninguém.

(O BANQUEIRO, numa atitude de profundo abatimento, apoia os cotovelos na mesa e encosta a cabeça nas mãos. Daí a pouco, entra MISS MABEL, trinta anos, loira, quasi bela, olhos escuros, tipo inteligente, braços e mãos admiráveis.)

MISS MABEL — Dá licença, senhor doutor?

O BANQUEIRO — Bom dia, Miss Mabel.
MISS MABEL, pondo um maço de papéis sôbre a mesa. — A correspondência, para assinar.

O BANQUEIRO — O senhor Parker que assine.

MISS MABEL — Êste telegrama para Nova York é urgente.

O BANQUEIRO — Sôbre as acções da Crysler Corporation?

MISS MABEL — Mandando vender a 25 ³/₄.

O BANQUEIRO — Bem. (Rubrica o telegrama) Não assino mais nada.

MISS MABEL — Há ainda uma carta importante para o Midland Bank.

O BANQUEIRO — O senhor Parker que resolva como quiser. — O que é isto?

MISS MABEL — O relatório do senhor doutor.

O BANQUEIRO — Foi miss Mabel que o copiou?

MISS MABEL — Fui eu.

O BANQUEIRO — Lamento ter-lhe dado êsse incômodo inútil. Pode rasgar.

MISS MABEL — É o relatório do senhor doutor sôbre o regime do gold exchange standard...

O BANQUEIRO — Bem sei. Rasgue. Não me interessa.

MISS MABEL, depois de um silêncio. — O senhor doutor está doente?

O BANQUEIRO — Impressionou-a a minha palidez, não é verdade?

MISS MABEL — Parece-me um pouco mais pálido. Talvez seja da luz.

O BANQUEIRO — Não. Não é da luz. (Sentando-se num dos Maples) Peço-lhe que se sente um momento ao meu lado, Miss Mabel. Preciso de lhe falar.

MISS MABEL — Estou bem de pé, senhor doutor.

O BANQUEIRO — Preciso de lhe falar demoradamente. (MISS MABEL senta-se no outro fauteuil) Devo partir amanhã para uma longa viagem.

MISS MABEL — O senhor Parker já sabe?

O BANQUEIRO — Não. É Miss Mabel

AS ROSAS DE MISS MABEL

a primeira pessoa que o sabe nesta casa. Parto amanhã, no Sud, para Paris. Depois, naturalmente, irei a Berlim.

MISS MABEL — Tratar dos negócios do Banco?

O BANQUEIRO — Não. Tudo isso acabou.

MISS MABEL — O senhor doutor deixa o Banco?

O BANQUEIRO — Deixo mais alguma



coisa, Miss Mabel. Alguma coisa que me custa muito deixar. — Acabo de escrever uma carta a Parker, que só lhe entregarei depois de eu ter saído. Não me despeço de ninguém. Apenas de si.

MISS MABEL — E o senhor doutor demora-se muito?

O BANQUEIRO — Muito. Há viagens que se começam e não se acabam.

MISS MABEL — Nós, os ingleses, somos optimistas. Dizemos que de tôdas as viagens se regressa.

O BANQUEIRO — D'algumas, não. É natural que não tornemos a ver-nos. (Depois dum silêncio) A não ser, que...

MISS MABEL — A não ser, que?
O BANQUEIRO — Oiça, miss Mabel.

Desejo fazer-lhe uma pergunta. Espero que me responda com inteira franqueza.

MISS MABEL — Sim, senhor doutor.

O BANQUEIRO — Há quasi um ano lembra-se? — cá com uma síncope, neste gabinete. Foi miss Mabel que me prestou os primeiros socorros, até chegar o médico. E fê-lo com tanto carinho com tanta inteligência, que nunca mais o esqueci. Quando despertei, miss Mabel estava ajoelhada junto de mim, e eu sentia, sôbre os meus olhos, a doce carícia das suas mãos. Desde êsse momento, nunca mais abandonou o meu espírito a idea de que deve ser horrível morrer sôzinho.

MISS MABEL — Quem pensa em morrer, senhor doutor!

O BANQUEIRO — A síncope, que tive então, foi o começo do fim. Estou condenado. Condenado por uma doença que não perdôa nunca.

MISS MABEL — Se está doente, porque não se trata?

O BANQUEIRO — Porque não ha, para mim, tratamento possível.

MISS MABEL — Porque parte, quando mais precisa de que o rodeiem de carinho e de conforto?

O BANQUEIRO — Não tenho familia, miss Mabel. Minha mulher, com quem nunca me entendi, está há quinze anos em Mont Dore, parálitica. Vivo sôzinho num hotel de luxo, onde a doença nem sequer tem o direito de existir, e onde a vida só é agradável para quem tem saúde. Mas, ainda que possuísse familia, eu não deixaria de seguir viagem.

MISS MABEL — Porquê, senhor doutor?

O BANQUEIRO — Porque não quero morrer aqui. Há sentimentos que as mulheres não compreendem. Nem mesmo quando são dotadas de um espirito superior. Eu tenho o pudor da morte, miss Mabel. Eu não quero dar àqueles sôbre quem exerço o meu domínio, que foram escravos do meu poder e da minha vontade, que se habituaram a considerar-me um semi-deus, o espectáculo e, po ventura, o prazer da minha ruína, da minha decadência e do meu sofrimento. Não, miss Mabel! Quem foi poderoso, como eu fui, tem o dever de esconder a miséria, quando ela chega. Por enquanto, apenas os médicos adivinham, na minha palidez, na côr da minha pele, o mal terrível de que eu soffro. Amanhã, andarei com a sentença da minha morte escrita na cara. Não. Eu não sou um homem que se resigna a inspirar horror, nem repugnância, nem caridade. Preciso de ir morrer longe, quanto mais longe melhor.

MISS MABEL — Mas quem disse ao senhor doutor que o seu mal não tem remédio?

O BANQUEIRO — Não é fácil iludir-me. Eu sou médico, também.

MISS MABEL — Os recursos da ciência são tão grandes!

O BANQUEIRO — Vi ontem as radiografias. É um caso inoperável.

MISS MABEL — Talvez na Alemanha... O senhor doutor não me disse que ia à Alemanha?

O BANQUEIRO — Inútil. O que é preciso

é apressar o fim. Na Alemanha deve morrer-se com uma certa comodidade. E morre-se longe. Serei um moribundo desconhecido. Ao menos, a minha agonia não dará prazer a ninguém.

MISS MABEL — O senhor doutor esquece-se de que também tem amigos.

O BANQUEIRO — Engana-se, miss Mabel. Eu nunca soube criar amigos. Só criei interesses.

MISS MABEL — Talvez seja injusto.

O BANQUEIRO — Exceptuo uma única pessoa. Sabe quem é?

MISS MABEL — Não, senhor doutor.

O BANQUEIRO — É miss Mabel.

MISS MABEL, *baixando os olhos*. — Obrigada.

O BANQUEIRO — Quando ontem resolvi partir, tive ainda um momento de fraqueza. Pensei no horror de morrer sozinho, num país distante. E lembrei-me de si, miss Mabel. Lembrei-me da doçura das suas mãos, quando, há um ano, despertei da síncope que me ia matando. Morreria feliz, se tivesse a certeza de encontrar, longe daqui, um carinho igual ao seu.

MISS MABEL — Encontram-se dedicações, senhor doutor, onde menos se esperam.

O BANQUEIRO — Quando não se está, como eu, a dois passos da morte. Diga-me, miss Mabel. Deve contas dos seus actos a alguém?

MISS MABEL — Era essa a pergunta que o senhor doutor queria fazer-me?

O BANQUEIRO — Não. A pergunta que desejo fazer-lhe depende ainda da sua resposta.

MISS MABEL — Não devo contas dos meus actos a ninguém. Sou sozinha e livre.

O BANQUEIRO — Nesse caso, quer acompanhar-me, miss Mabel?

MISS MABEL — Em que qualidade, senhor doutor?

O BANQUEIRO — O meu convite seria pouco respeitoso se não fosse quasi um morto que lho dirige. Acompanhar-me-há como minha filha, miss Mabel. Não tenho, na minha vida, outro lugar para si.

MISS MABEL — Está bem. Partiremos amanhã, pelo *Sud*.

O BANQUEIRO — Quanto lhe agradeço, minha amiga!

MISS MABEL — O meu passaporte está visado para França e para Inglaterra, e as minhas malas fazem-se num momento.

O BANQUEIRO — Perdoe-me convidá-la para uma viagem em que parte acompanhada e em que tem de voltar sozinha.

MISS MABEL — Quem sabe? E se os médicos se tivessem enganado? E se eu o salvasse, meu amigo?

O BANQUEIRO — Olhe bem para mim. Julga possível, perante esta imagem da morte, uma sombra, sequer, de esperança?

MISS MABEL — Não será a sua doença sobretudo moral? Tenho a certeza de que a viagem vai fazer-lhe bem. É preciso levantar o seu espírito, reagir, viver. Consultaremos médicos, em Paris e em Berlim. Repousaremos depois na Suíça. Talvez em Neuhausen, não é verdade? Verá como é bela a queda de água do Rheno, como o leite é agradável e como

o ar é puro. Daqui a alguns meses estaremos ambos de volta, e eu tornarei a ser a modesta dactilógrafa do senhor director, obscuramente feliz por ter conseguido restituí-lo à vida. (*Levantando-se e estendendo-lhe a mão*) *All right!*

O BANQUEIRO — Como hei-de eu agradecer-lhe o sacrifício que vai fazer, miss Mabel?

MISS MABEL, *apontando as rosas que estão sobre o bufete*. — Dando-me aquelas flores.

O BANQUEIRO — São as últimas rosas da minha mesa de trabalho. — Aqui as tem.

MISS MABEL — Obrigada. Levo-as consigo, amanhã.

O BANQUEIRO — O resto, miss Mabel,



depois o receberá. Mais cedo, talvez, do que pensa.

MISS MABEL — O resto? Que resto?

O BANQUEIRO — Faço hoje o meu testamento. Deixo-lhe parte da minha fortuna.

MISS MABEL, *dolorosamente*. — Oh!

(MISS MABEL *deixa-se cair, de novo, no Maple. As rosas rolam-lhe das mãos sobre o tapete. Os olhos inundam-se-lhe de lágrimas.*)

O BANQUEIRO — Que tem, miss Mabel? Porque chora? Eu fiz-lhe mal?

MISS MABEL — Já não posso acompanhá-lo, senhor doutor.

O BANQUEIRO — Mas, porquê? Eu ofendi-a?

MISS MABEL — Estragou o mais belo momento da minha vida.

O BANQUEIRO — Recusa-se a acompanhar-me, porque, ao ridigir a minuta das minhas últimas vontades, pensei em si?

MISS MABEL — O mal não foi ter pensado; foi ter-mo dito.

O BANQUEIRO — Porquê?

MISS MABEL — Porque se eu o acompanhasse, depois da declaração que acaba de fazer-me, todos os meus actos, todos os meus cuidados por si seriam suspeitos de interesse. Não, senhor doutor. Eu não o acompanhava como sua empregada. O senhor doutor não tinha o direito de me ofender, propondo-me um pagamento que eu não lhe pedi.

O BANQUEIRO — Mas eu falei, porventura, em pagar-lhe? Miss Mabel não me compreendeu.

MISS MABEL — Então que significa a sua declaração, depois de eu lhe ter dito que estava disposta a segui-lo?

O BANQUEIRO — E se eu lhe provasse miss Mabel, que, antes de lhe falar hoje, já tinha escrito o seu nome no meu testamento? Quer miss Mabel me seguisse, quer não, a minha resolução estava tomada.

MISS MABEL — O senhor doutor bem sabe que não mo pode provar.

O BANQUEIRO, *tirando um papel do bolso, e entregando-lho*. — Leia.

MISS MABEL, *percorrendo o papel com os olhos, dobrando-o e entregando-lho*. — Está bem.

O BANQUEIRO — E agora? Recusa-se ainda a acompanhar-me?

MISS MABEL — Ponho apenas uma condição.

O BANQUEIRO — Diga. Aceito todas as condições, — menos uma. Pense, miss Mabel, que tem nas suas mãos tudo quanto me resta de esperança e de vida.

MISS MABEL — Acompanho-o, se o meu nome desaparecer desse papel.

O BANQUEIRO — Nesse caso, partirei sozinho.

MISS MABEL — Que lhe custa fazer-me o que lhe peço?

O BANQUEIRO — Porque miss Mabel se presta à caridade de acompanhar-me, tenho eu, porventura, o direito de destruir o seu futuro? Não, minha amiga. A minha sensibilidade não se endureceu tanto no convívio dos homens, que eu não sinta o que haveria de odioso e de injusto nesse procedimento. Se é essa a sua condição, não a aceito. Renuncio à doçura e ao amparo moral da sua companhia, e irei morrer sozinho, como vivi.

MISS MABEL, *erguendo-se*. — Dê-me as minhas flores.

O BANQUEIRO, *apanhando as rosas espalhadas sobre o tapete, e dando-lhas*. — Que resolve, miss Mabel?

MISS MABEL — Não sei. Vou pensar.

O BANQUEIRO — Prometa-me, ao menos, que pensará com o coração.

MISS MABEL, *comovida, estendendo-lhe as mãos*. — Como me hei-de despedir de si, meu amigo?

O BANQUEIRO — Até nunca mais...

MISS MABEL — Ou até amanhã.

A ilustre escritora Gabrielle Réval, de cuja visita a Portugal, fizemos a seu tempo, justa referência, tem feito aparecer já nos jornais parisienses as primeiras crônicas acerca do nosso país. Na revista «Miroir du Monde» consagra duas páginas, ilustradas com belas fotografias do nosso colaborador João Martins, às varinas e pescadores portugueses.

O invulgar brilho literário da evocação, traçada numa encantadora precisão de linhas e na qual o pitoresco dos costumes é exalçado com verdadeiro fervor, tem jus a ser conhecido pelos portugueses a quem deve agradar o entusiasmo descritivo da autora. Prestando uma vez mais homenagem ao espírito culto e generoso de Gabrielle Réval, grande amiga do nosso país, «Ilustração» recorta do seu primoroso artigo algumas das passagens mais características.

Pela manhã, em Lisboa, as varinas alegram as ruas com seus pregões melódicos: «Viva da Costa e Carapau!» Abalam às centenas, como as gaivotas, ao longo do Tejo. Seus lenços verdes, alaranjados, vermelhos ou azuis, põem nas ruas tortuosas e sombrias da Alfama, uma mancha cantante e, nos bairros modernos, onde o sol se espelha nas fachadas de azulejo, parecem suspender na umbreira da porta um ramallete de flores campestres.

A varina não anda, vòia; outrora, ia de pés descalços, como as deusas que caminham pelas núvens. Hoje um regulamento exige que vão calçadas. Encontram-se, às vezes, com os chinelos pendurados na mão, ou com um pé calçado outro descalço. Não se destroi de um momento para outro um hábito tão antigo.

A varina tem o porte de uma estátua, a saía curta balouçando sobre as pernas finas e douradas. Uma cinta amarrada em torno das ancas, ajuda-a a suportar os pesados fardos, e a saía, tufando em volta da cintura, lembra os trajes das mulheres da Renascença. Porte esbelto, os seios bem moldados e livres no corpete claro, um lenço dobrado em ponta e caíndo, à antiga, sobre a espádua, eis a varina passando nas ruas com sua canastra de peixe à cabeça. Tem a beleza das mulheres orientais perfil grave, olhares de fogo ou mirados de veludo, de uma melancolia indiscreta. Seus lindos rostos apaixonados, traduzem a origem feiçica e, sem o saberem, as varinas conservam, herdadas dos antepassados per-



AS VARINAS e os pescadores

didados nas costas de Portugal, a preferência pelas cores vivas, o gosto pelos adornos, trazendo com elas toda a sua fortuna, transformada em colares, cordões e aneis de ouro.

As barcas portuguesas têm formas bizarras. Não se assemelham às que pescam nas costas de Espanha e no golfo da Gasconha. Lembram as gondolas de Veneza e os caíques que sulcam os mares do arquipélago à entrada de Constantinopla. Os barcos que sobem o Douro com seu carregamento de sal, de carvão ou cascos com vinho do Pôrto,

fazem lembrar os pangaios do mar da China que figuram nas antigas cartas de navegação.

Porque motivo vamos encontrar na agua espelhante da ria de Aveiro, no rio dourado que corre no abismo da Serra e na encantadora baía de Nazaré ou de Setubal, estas copias das formas asiáticas? E' a reminiscência, trazida pelos conquistadores de outras eras, que copiaram os barcos de que se haviam aposentado nas suas expedições ao Oriente.

Mas a gondola perdeu aqui seu pente de prata; ornamenta-lhe a prôa um ramo de flores, uma alegoria de cores vistosas. O caíque, pousado sobre as aguas como um crescente da lua, tem na prôa um olho pintado, como na Grecia. E' o talisman do pescador.

Mas o mais belo espectáculo do mar é preciso ir vê-lo à Nazaré. Quinhentos barcos no porto, dois mil e quinhentos pescadores nas cabanas e na vila, num lugar onde antigamente o Oceano rolava ao sopé da montanha. O mar recuou, descobrindo uma baía magnífica; os pescadores que lá vivem, vivem separados dos outros portugueses, basta-lhes o mar. Mas a luta entre a agua e o barco é um espectáculo tão nobre e tão perfeito que julgamos vêr na nossa frente os baixos-relevos da escultura antiga, movimento rituado dos pescadores puxando as redes para a praia, subindo o barco ou levando para as ondas!

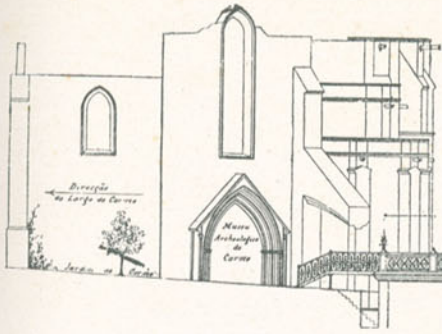
Quanta belêsa forte e grave nesta labuta diaria das gentes do mar!

O traje das mulheres de Nazaré é celebre pela sua belêsa escultural; não usam o lenço das varinas, mas uma capa negra, talhada com roda, que põem sobre a cabeça como um véu e lhes envolve as espáduas em prégas magníficas. Um chapelinho de feltro negro, ornamentado com uns retalhinhos de seda, é colocado sobre esta capa e dá-lhes uma elegancia que encanta os olhos dos artistas.

Enquanto os homens andam, no mar as mulheres concertam as redes e as vélas, ou preparam a sardinha para a conserva. São ardentes e suas coleras furiosas; se os homens vivem em silencio, elas exteriorizam sua raiva, seu desespero em frases veementes. Nos dias de tempestade, sobre a praia e frente ao oceano revolto, clamam ao ceu, prometendo à milagrosa Virgem de Nazaré, seus cabelos se Ela salvar o pescador em perigo, ou se é o filho que sofre, um braço, uma perna, um olho de cera, à Rainha do Ceu que o ha-de curar!



BREVE HISTORIA DA CONSTRUÇÃO DO CONHECIDO E POPULAR ELEVADOR DE SANTA JUSTA



CELEBROU-SE há tempo o centenário do nascimento de Eiffel, o genial realizador de tantas obras de engenharia que assombraram o Mundo no último quartel do século passado, entre as quais avulta a majestosa torre que domina Paris e com o seu próprio nome foi batizada.

Referindo-se ao facto, a Imprensa portuguesa recordou, a propósito, a actividade do grande engenheiro francês em terras de Portugal. E, numa confusão que o afã das lides jornalísticas explica, atribui-se-lhe a autoria de duas grandes obras de engenharia nacionais — a ponte D. Luiz sobre o rio Douro e o ascensor que estabelece ligação entre a rua do Ouro e o largo do Carmo.

Se de facto a primeira destas obras se deve ao talento criador de Eiffel, o mesmo não sucede com o popular ascensor instalado no centro da Baixa que é trabalho dum engenheiro português cujo renome não atingiu a universalidade do de Eiffel mas que não é por isso menos digno de ser recordado com simpatia e admiração por todos os portugueses.

Chamava-se êle Raul Mesnier de Ponsard. A origem francesa do seu apelido não invalida a sua qualidade de português. Embora descendendo de pais franceses, nasceu em Portugal e aqui realizou toda a sua obra que é notável e merece ser lembrada.

Raul Mesnier nascera com decidida vocação para a engenharia. Feitos os seus cursos com raro brilho, dedicou-se a pequenos inventos e aplicações mecânicas tendo publicado diversas obras e realizado alguns aperfeiçoamentos em armas de fogo.

Mas na realidade êle nascera para dar vida às construções audaciosas que dominam o espaço a essa tendência em breve se devia manifestar.

Animado de ardor juvenil traçou planos extraordinários, ideou construções grandiosas, tudo destinado a vencer as distâncias, a galgar as alturas.

Portugal, país montanhoso, acidentado,

de grandes depressões e vertiginosas alturas, e Lisboa, em especial, construída sobre sobranceiras colinas, eram o campo em que a sua actividade e os seus projectos melhor podiam encontrar aplicação.

De principio, a sua energia, a sua audácia o seu enorme espírito de iniciativa esbarraram contra a rotina, destino a que raro são poupados os grandes inovadores.

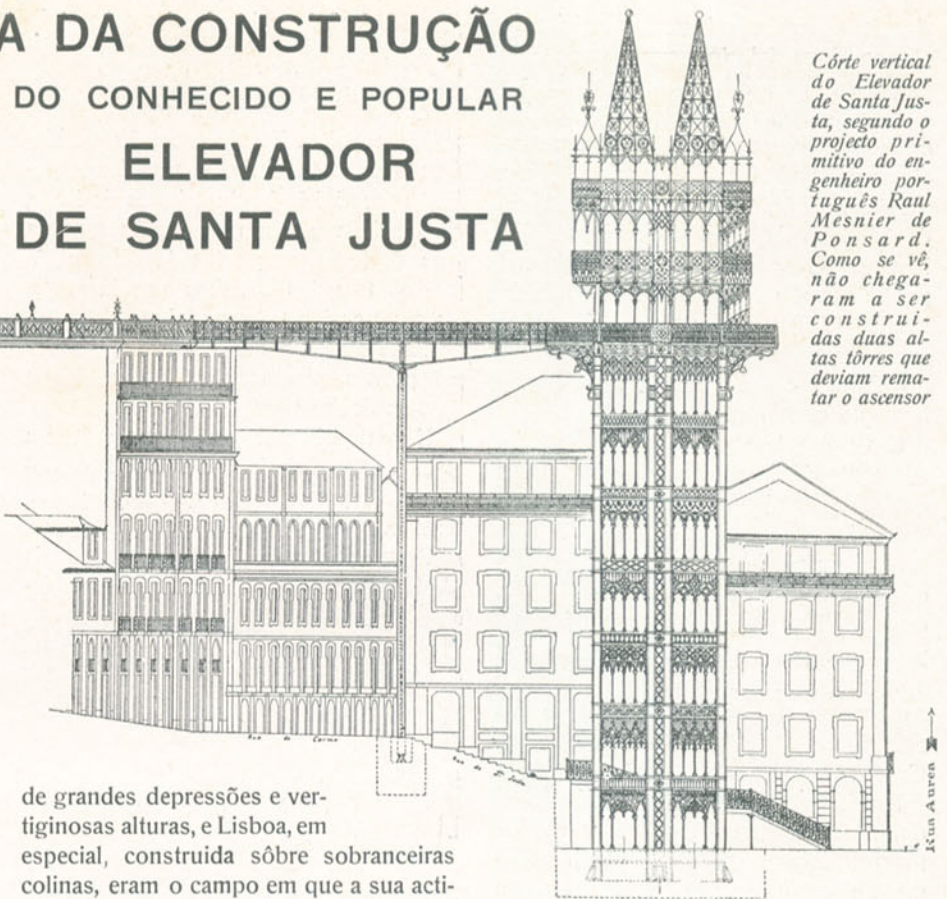
Consideraram-no doido, de tal modo as suas concepções excediam a esfera das idéas do tempo.

Mais tarde, firmada já a sua reputação, Raul Mesnier comprazia-se em recordar que tendo nesses primeiros tempos solicitado o auxílio do então poderoso banqueiro Moura Borges pouco faltára para que êste lhe batesse.

Mesnier soube, porém, persistir e venceu. Os capitais, vencida a primeira desconfiança, começaram a afluir seduzidos pela audácia e clareza dos seus projectos. Assim se formou a base material indispensável à realização dos seus arrojados planos.

Em 1880 foi encarregado de dirigir a construção do elevador do Monte do Bom Jesus de Braga, o primeiro que se construiu no nosso país. Dois anos mais tarde as obras estavam terminadas e eram feitas as experiências que alcançaram o mais lisonjeiro êxito, assegurando assim o futuro do novel engenheiro.

A seguir, em 1884, foi construído sob o seu projecto o elevador da calçada da Glória. A êste seguiram-se os do Lavra, Estrêla, Bica e um em S. Sebastião da



Côrte vertical do Elevador de Santa Justa, segundo o projecto primitivo do engenheiro português Raul Mesnier de Ponsard. Como se vê, não chegaram a ser construídas duas altas torres que deviam rematar o ascensor

Pedreira cuja exploração não deu resultado e por êsse motivo acabou.

Finalmente, no princípio d'êste século Raul Mesnier empreendia a realização do elevador de Santa Justa ao Carmo que pode ser considerado o capítulo mais notável desta prodigiosa actividade desenvolvida no espaço de vinte anos apenas.

De facto, a construção d'êste ascensor foi a que mais contribuiu para consagrar os inegáveis méritos d'êste illustre engenheiro. Mais de trinta anos volvidos sobre a sua inauguração, a enorme construção metálica não manifesta o menor sinal de velhice. Ainda hoje, a sua enorme torre e o extenso viaduto que liga esta às ruínas do convento do Carmo, suscitam de quem visita Lisboa uma olhar de admiração pelas suas grandiosas porporções. Três décadas de progressos mecânicos incessantes nada deminuíram ao ascensor da sua primitiva imponência.

Começaram as obras com a construção da enorme torre metálica que, partindo das escadinhas de Santa Justa, junto à rua do Ouro, se havia de erguer até ao nível do largo do Carmo, ou seja a uma altura de 32 metros aproximadamente.

Realizada esta primeira parte da obra e de modo que honra a indústria portuguesa, uma outra não menos complexa restava fazer — estabelecer a ligação entre o tabuleiro da torre e a faixa de terreno

situado a par das ruínas do mosteiro do Carmo. Para tal, tornava-se necessário lançar entre os dois pontos um viaduto e essa operação fizera surgir uma série de incidentes que só o engenho e persistência de Raul Mesnier lograriam vencer.

Este viaduto, como é sabido, partindo do tabuleiro da torre, passa sobre a Rua Nova do Carmo, mais adiante sobre um prédio que era ao tempo propriedade do conde de Tomar, e vai desembocar no terreno que contorna as ruínas do museu do Carmo e estabelece ligação com o largo do mesmo nome.

Ora o problema seria de solução relativamente fácil se sobre o prédio em questão se pudesse estabelecer um ponto de apoio para o viaduto.

Mas, ou por insuficiente resistência do edifício ou por opposição do proprietário, o certo é que essa idéa não pôde ser posta em prática. Necessário se tornou por isso construir os fortes pilares que se encontram situados ao começo das escadinhas, junto à Rua Nova do Carmo.

Por outro lado, a Câmara Municipal opunha-se a que nas obras a realizar fôsem empregados tapumes ou andaimes que prejudicassem o trânsito intenso das importantes artérias interessadas.

Nestas difíceis circunstâncias, Raul Mesnier lançou mão dum processo curioso, cuja extrema simplicidade mais põe ainda em evidência as admiráveis faculdades do ilustre engenheiro.

Fez em primeiro lugar construir os pilares sobre o local em que ainda hoje se encontram mas montados sobre uma espécie de charneira provisória que, após as obras terminadas, desapareceram para dar lugar ao fundamento fixo que hoje têm.

Nesta altura, os pilares, repousando sobre o seu pedestal articulado, achavam-se inclinados sobre a rua do Ouro e apoiavam-se contra a torre metálica já construída.

No sentido da altura da torre e fixado pelo meio ao pilar foi então construído o viaduto ou ponte com 25 metros de comprimento e cerca de vinte toneladas de peso.

O lançamento do viaduto fazia-se então da forma mais fácil possível: os pilares, que como dissémos se achavam inclinados e apoiados á torre eram puxados do largo do Carmo até atingirem a posição vertical. Ao mesmo tempo, o tabuleiro que se encontrava ligado pelo meio aos pilares no sentido vertical era puxado do alto da torre pela extremidade inferior o que o obrigava a descrever um arco de círculo até ficar na posição horisontal estabelecendo assim a

ligação entre a torre e o largo do Carmo.

Fixou-se o dia 31 de Agosto de 1901 — um sábado — para a realização da difficil manobra. Foi de sensação em Lisboa o acontecimento. A complexa operação teve início às duas horas da tarde, presenciada por uma multidão ansiosa que de todos os pontos da Baixa e sobre os telhados vizinhos seguiu atenta as diversas fases da manobra.

Tudo correu como o grande engenheiro previra, demonstrando-se, assim, a justeza dos seus cálculos.

Durante cerca de tres horas e meia a pesada massa de ferro descreveu os movimentos previstos até que a ligação se fizesse.

Pouco passava das cinco horas e meia da tarde quando a comunicação se esta-



RAUL MESSNIER DE POSSARD
Autor dos projectos de quasi todos os elevadores do pais

beleceu. Foi um operário de nome Luiz Pinto de Oliveira, a primeira pessoa que atravessou o viaduto, calcurriado depois por algumas gerações de passageiros desejosos de se furtarem ás fadigas duma subida a pé pelo Chiado.

Para que nada faltasse a este espectáculo, que teve a assisti-lo alguns milhares de curiosos, foi êle interrompido por um incidente que, sem ter consequências, produziu enorme emoção. Foi o caso que em determinada altura da trajetoria da ponte se notou que um fio electrico interceptava a passagem desta, de tal modo que o movimento não poderia continuar sem quebrar o fio, o que não se faria sem riscos para os que assistiam à manobra.

Uma extraordinaria cena teve então lugar ante o pasmo de quantos acompanha-

vam as diversas fases do lançamento do tabuleiro. Viu-se dois aprendizes de cerca de quinze anos de idade saltarem para o tabuleiro que oscilava no espaço e, apoiando-se nas réguas metálicas que o formavam, treparem em direcção à extremidade superior a fim de desembaraçarem a ponte do imprevisto obstáculo. O fio electrico, porém, ficava nêsse momento sob a face inferior do tabuleiro e, portanto, fora do alcance dos audaciosos aprendizes. Um dêles retrocedeu com o fim de buscar ferramenta, mas o outro mais destemido, passou o cinto em volta duma das réguas da ponte e fazendo dêle ponto de apoio, debruçou-se no espaço, colheu o fio com as mãos e fê-lo passar para o lado oposto do tabuleiro, deixando desimpedido o caminho à enorme massa metálica que em breve retomava o seu vagaroso movimento.

Chamavam-se os dois heróis desta aventura Luiz Pinto e Luiz Burra, «dois luizes de bom quilate», como então dizia o «Diario de Noticias» comentando o facto. Bem possível é que ainda vivam e que se ufanem dessa temerária proeza que deixou suspensa de emoção durante alguns momentos quasi toda a Lisboa de ha trinta anos.

Uma única nota discordante se registou nêste surpreendente espectáculo de que Lisboa inteira falou durante muito tempo. Foi o protesto dos lojistas da Rua Nova do Carmo contra a escolha da hora para a manobra que em seu entender deveria ter realizado durante a madrugada. A enorme affluência de curiosos fizera paralisar, por completo, o transitio nas imediações do ascensor, dificultando o commercio e justificando esta reclamação a que os jornais da época fizeram referência.

Como dissemos, o lançamento da ponte realizou-se com a maior felicidade. Em Outubro dêsse mesmo ano de 1901 teve Raul Mesnier a alegria de ver inaugurar-se o elevador que de então para cá tantos serviços tem prestado. E a *caranquejola*, como êle se comprazia em chamar-lhe, funcionou sempre às mil maravilhas.

Raul Mesnier, o homem que mais elevadores construiu em Portugal, é uma figura curiosa que mereceu ser recordada e que tem jús à nossa admiração.

O sonho de toda a sua vida foi sempre construir êsses engenhos destinados a vencer as alturas. E morreu levando consigo o projecto, admiravelmente utópico, de reunir as sete colinas da cidade por gigantescos transportadores aéreos que passassem no espaço, entre uma e outra extremidade da capital, os que assim pretendessem deslocar-se...



Alguns dos implicados na intentona monárquica de 10 de Agosto do ano passado — em número de 29 — e que o governo do país vizinho tinha deportado para Villa Cisneros, fugiram numa pequena embarcação e chegaram a Sezimbra na noite de 14 de Janeiro. Depois de 14 dias de viagem, com poucos alimentos e, por vezes, com mau mar, os vinte e nove deportados políticos logo que chegaram à vila piscatória, foram recebidos pelos pescadores, que os acolheu com carinho.

Eram 29 homens esfarrapados e tostados pelo sol. Todos de barba crescida formavam um grupo que mais parecia de saltadores. Mal chegados a terra procuraram barbear-se. Em Sezimbra, porém, poucos barbeiros há. Assim tal qual, e depois duma pequena refeição tomada no hotel, vieram em camionetes para Cacilhas, onde os fotógrafos fizeram a fotografia que publicamos no alto desta página.

O coronel Bonito, um dos foragidos, explicou desta maneira a razão da fuga:

— Nós não fugimos por cobardia. Enfrentámos o perigo para defender a Espanha e continuarmos prontos a bater-nos pela Nação. Fugimos para não nos exporem, de novo a situações que nos vexam e nos deprimem.

E D. Afonso de Bourbon — infante e grande de Espanha, primo de Afonso XIII — afirmou:

— Tratavam-nos como bandidos. Nunca mais podemos es-

OS FORAGIDOS ESPANHOIS DE VILLA CISNEROS

quecer o que passámos a bordo do «Espanha 5», do que sofremos em Villa Cisneros, e isto já não falando nos catorze tormentosos dias da viagem até Sezimbra.

E acrescentou:

— Esqueceram-se de que eramos todos pessoas de certa categoria social e obrigaram-nos a viver em cabanas miseráveis e barracas de campanha, numa região inhospita, um verdadeiro deserto. Eramos nós que cozinhávamos as nossas refeições e fazíamos todos os serviços dos criados. Uma infâmia!

O capitão Luís Cabañas findou a entrevista com estas palavras:

— Naquela terra maldita só há deserto e rochas. Tivemos de iludir a vigilância dos guardas, dos guardas ferozes que nos guardavam. Percorremos quilómetros e quilómetros de deserto, cheios de sede, de fome e de cansaço. Mas vencemos! Um frágil barquito à vela levou-nos até ao mar largo. Andámos cinco horas a lutar com as ondas bravas e alterosas,

sempre ameaçados de morte. Felizmente após essas trágicas cinco horas, abordámos...

Os foragidos são os seguintes:

Marquês de Iquillache e capitão aviador, D. Afonso de Bourbon, coroneis, srs. D. Benito, D. Serrador e D. Martin Alonso, ajudante do ex-rei; marquês de Sanceda, comandante de engenharia e governador civil de Sevilha, durante a revolta de Sanjurjo; D. Capitolino Emile, comandante de engenheiros; comandante Malcampo, marquês de S. Rafael; capitães srs. D. Fernandez Silvestre, filho do general Silvestre; D. Luís Cabañas, Gonsalo Ruker, marquês de La Vega de Breclillo; Joaquim Barraeta, Miguel Moslam, dr. Gomez Ganz e seu filho; tenentes srs. D. Horacio Mareu, Gomez Pinoda, Pedro Sarraiz; conde del Lerrallo, capitão Roca de Zogool e comandante Ernesto Maquina; tenente Marella, arquitecto Aristides Fernandes Vallespin, Julio Torres Azara, estudante de filosofia; Manuel Gonzalez de Jonte, capitão Renato Garcia, capitão do Estado-Maior Roca de Togores, filho do marquês de Molins, que se encontra preso no Carcel Modelo de Madrid; e tenente Daniel Alós.

Na gravura do alto podem vêr-se as caras dos foragidos ao chegar a Cacilhas e na de baixo, a sua transformação após dois dias de Lisboa.



A natureza não pára na elaboração de novas manifestações de força, em todas as suas modalidades.

Camadas novas sucedem-se às camadas desaparecidas ou vêm substituir aquelas a que o tempo roubou o seu vigor e todo o talento creador de beleza e de progresso.

A ventura e a desdita renovam-se pela mesma força creadora que espalha a beleza como a desgraça e a desolação, tanto é certo que o Bem e o Mal chegaram de mãos dadas ao mundo, e assim se têm conservado fraternalmente unidos, completando-se maravilhosamente e às vezes com vantagem para nós, pobres e eternos iludidos que só no Bem queremos acreditar.

Na espessura da terra, na profundidade dos mares e no remanso dos casais, a vida e a morte, empenhadas em trabalhos diversos mas ambos precisos, destroem e constroem constantemente.

O destino mais incerto é o do homem. Quando uma criança nasce, ninguém pôde saber se veio ao mundo um santo ou um bandido.

Custa a acreditar que um Al Capone e um Lampeão fôssem um dia a flôr delicada que é a infancia, que nas bôças onde hoje a praga rebenta já tivesse havido um sorriso inocente e puro.

Mas é assim. Elas são todas tão iguais, nos seus encantos, na sua graciosidade, as crianças, que não podemos adivinhar qual delas será amanhã um Viana da Mota ou um Tomaz Alcaide arrebatando as multidões com a sua voz maravilhosa, uma nova Duse enchendo-nos o coração de emoções deliciosas ou um Nicolau levando a alma popular presa às rodas da sua bicicleta, uma Carmen cigana perdendo as cabeças de vários D. Josés... ou um assassino, um ladrão, uma pobre retalhista do amor.

Cumprir aos pais, para encaminhar o destino ou desviá-lo, ajudar êsses cêguinhos de entendimento a aproveitar as suas tendências, quando elas podem trazer-lhes a glória e a consideração dos seus semelhantes ou contrariá-las, sem desfalecimentos, se o seu instinto é máu, se a sua vocação pôde abrir-lhes as portas de uma prisão ou lança-los no mar alto, a caminho do degredo.

Há um sentimento que tanto pôde dar honra como desprezo: a ambição. Tudo está na forma de o dirigir.

Ganhar o conforto e a riqueza por meios lícitos, que são mais demorados e para que nem todos têm paciência,



GENTE DE AMANHÃ

mas que conduzem a resultados seguros ou tudo adquirir pela fraude e pela traição que apanham a sombra da felicidade apenas, sombra que depressa se escapa e deixa em seu lugar a desventura com o seu cortejo de misérias.

Há toda a vantagem, por tanto, em educar as crianças, inculcando-lhes a admiração do belo, levando-as a vêr obras de arte e a ouvir concertos de boa música, formando-lhes o sentimento afectivo mostrando-lhes como é bom para a alma e para a consciência cumprir o dever da solidariedade, aliviando máguas e dando um pouco dos nossos bens materiais aos mais pobres do que nós.

E, sobretudo é preciso torná-las simples, despidas de vaidades, porque assim nunca a ambição, as levará a arriscar-se em aventuras perigosas.

Êste costume de vestir as crianças com luxo é máu, muito máu mesmo. É criar-lhes necessidades novas e novos desejos.

Isto era assunto para se tratar devagar e não pela fórmula comprimida que o espaço de uma página de magazine impõe.

Mas, de tudo que a dizer havia sobre êste ponto, basta um resumo:

Simplicidade, ausência de ambição exagerada, alma aberta a todas as generosidades que possam minorar uma desgraça alheia, saber prometer e cumprir e a criança está pronta a afrontar a vida.

E não esqueçam os mestres de ensinar-lhe que o homem não é só um mamífero bímico. Mas que tem também uma parte divina — a alma. E que a virtude e o vício se degladiam para dela apoderar-se, embelezando-a aquela, e êste sujando-a, porque não somos apenas o que diz, no seu torturado espírito, o grande poeta catalão Bartrina: «partículas de albumina e de fibrina em curta proporção».

O êrro, o grande êrro da humanidade, é pensar que a vida é uma sequência de prazeres materiais e que melhor a viverá quem maior porção e melhor qualidade dêsses prazeres contar, no seu activo.

Exceptuando uma confrangedora parcela de homens superiores — confrangedora pelas suas pequenas dimensões, a maior parte da gente que pelo mundo passeia a sua incompetência está persuadida de que viver é comer e divertir-se. Era bem bom, era. Se a nossa existência consistisse apenas em sentarmo-nos diante de uma mesa õtamente servida, onde as eguarias rivalissem com as bebidas capitosas que acendem no cérebro a chama de mil loucuras; se depois disso só nos restasse a cadeira acolhedora de um bom teatro ou de um cinema da moda, e misturado com tudo isto uma grande dose de amor e de carinho, então, era o ideal.

Mas quem havia de dar-nos as maravilhas do progresso, nas artes, nas ciências, nas indústrias e na civilização, se todos nós nos aturdíssimos, no rodopio da febre do goso?

Não, não pode ser assim, nem deve ser assim.

É preciso ir engrossando êsse grupo de homens úteis ao seu país, tornando-o maior e mais respeitado, pelas virtudes e método de trabalho do seu povo.

E dêste modo os valores de cada nação, convergindo todos para o mesmo fim, darão ao nosso planeta a ventura que êle persegue, e sempre lhe foge, deixando-lhe somente vagas promessas.

Tudo depende dos educadores de hoje, para que o dia de amanhã surja mais claro e cheio de lindas realidades.

Raul Lino



RAUL Lino acaba de publicar um livro «Casas Portuguesas» em que as nobres qualidades de artista se acrescentam às de crítico e de escritor. A obra, de realiação impecável, sob todos os pontos de vista, ocupa-se dum tema por assim dizer inédito, «a filosofia da casa», ainda não versado por qualquer outro autor. A raridade bastaria para recomendá-la a quantos formulem o desejo de possuir uma moradia. Ensina-lhes a arte de querer e realizar esse melindroso acto de vontade.

Raposo de Oliveira



Com a morte de Raposo de Oliveira—jornalista e poeta dos mais ilustres da nossa terra—perdeu a imprensa portuguesa um dos seus maiores valores. Amigo do seu amigo e camarada do seu camarada. O seu último trabalho poético—feito na sua secretaria do «Século» foi um soneto. E de justiça deixal-o arquivado nas páginas da «Ilustração». Foi escrito, quando da morte dos seus amigos e companheiros de trabalho, Lemos de Napoles e Leitão Xavier.

*Anda a Morté, a rondar, em negra ronda,
Da nossa Imprensa o misero reduto...
Os mortos passam, no rolar da onda,
E a onda rola sobre um mar de luto...*

*Ontem, jol um. Hoje, outro. Outro amanhã.
—Deixá-los ir! O rumo é conhecido...
Antero o disse (e a frase não é vã...)
que sempre o mal pior é ter nascido!*

*Mas custa ver tombar, assim a esmo,
Os que conosco se parecem, mesmo,
—Irmãos nossos, na boa e na má sorte...*

*Este Natal! que lágrimas chorados!
—Meus mortos, meus saudosos camaradas!
Brindai comigo: Boas festas, Morte!*

NOTICIAS DA QUINZENA

Doutor Jorge Monjardino



(Quadro do pintor Ayles Cardoso)

TERMINARAM no último sábado as provas do concurso para professor auxiliar da cadeira de cirurgia da Faculdade de Medicina. Foi escolhido o sr. dr. Jorge Monjardino, cirurgião-médico muito considerado nos meios científicos, não só de Portugal como do Brasil, onde deixou o seu nome prestigiado pela sua proficiência como distinto operador, assinalando-se também a sua capacidade na reorganização modelar dos hospitais da Beneficência Portuguesa. O sr. dr. Jorge Monjardino é incontestavelmente um dos valores mais marcantes da cirurgia.

Concurso Fotográfico entre Amadores organizado pela «Ilustração»

Estão sendo apreciadas — por um jury composto pelos srs. dr. Samuel Maia, ilustre clínico e publicista, Alfredo Morais, aguarelista consagrado, Ferreira da Cunha, um dos nossos «azes» da reportagem fotográfica e Alvaro de Andrade, chefe da redacção da «Ilustração» — afim de serem escolhidas, as três provas fotográficas que mereçam os 1.º, 2.º e 3.º Prêmios da Originalidade e Perfeição, que participaram do «Concurso Fotográfico entre Amadores». Como os leitores sabem, o 1.º Prémio, para esta categoria, é uma excelente máquina CINE-KODAK, gentilmente cedida pela acreditada CASA KODAK.

No Panteão de S. Vicente



ASPECTO da cerimónia da benção do sarcófago em que ficaram definitivamente encerrados os cadáveres do rei D. Carlos e de seu filho D. Luis Filipe. É um túmulo em mármore duma grande simplicidade e que tem o seguinte epitáfio da autoria do sr. dr. Afonso Lopes Vieira: «Aqui descansam em Deus El-Rei D. Carlos e o Príncipe Real D. Luiz Filipe, que morreram pela Patria».

Ivens Ferraz



O general sr. Artur Ivens Ferraz — uma das figuras mais prestigiadas do exército — faleceu há dias num quarto particular do Hospital de S. José. Contava 62 anos. Fôra promovido a general por escolha do Conselho Superior de Promoções em Agosto de 1927.

A sua fôlha de serviços honra um oficial. Foi lente da Escola do Exército, professor do Colégio Militar, sub-chefe do Estado Maior do quartel general do C. E. P. e chefe da missão de ligação junto do comando britânico.

Sobraçou as pastas do Comércio e das Finanças. Como tal, fez uma viagem à Suíça, onde recusou, na Sociedade das Nações, aceitar um empréstimo de que Portugal necessitava, por entender que o País não tolerava qualquer situação de indignidade. Era, ao morrer, chefe do Estado Maior do Exército.

Itália e Portugal



O novo ministro de Itália em Portugal é o comendador Alberto Tuozzi, diplomata ilustre e com uma carreira brilhante. É formado em direito. Foi nomeado adido consular em 1910. Fez a guerra. Entre outras condecorações possui a Coroa de Itália e a Cruz de Mérito de Guerra. Foi membro da delegação italiana à Conferência de Paris, por causa da questão de Tanger. Em 1930, foi nomeado enviado extraordinário e ministro plenipotenciário. Foi representante de Itália em Salónica, Bagdad, Rosário e Damasco.

A "SEMANA DO MUTUALISMO,"



O professor e economista sr. dr. Raul Tamagnini Barbosa realizando na Associação de Socorros Mútuos Comércio e Indústria, do Porto, a sua conferência subordinada ao tema «O futuro do mutualismo em Portugal»



A mesa que presidiu à sessão de propaganda mutualista efectuada na sede da Caixa de Solidariedade dos Vendedores de Jornais: Da esquerda para a direita: os srs. dr. José Pontes, Carlos José de Oliveira e Alexandre Ferreira



Aspecto que oferecia o vasto palco do Coliseu dos Recreios durante a «Festa dos Estandartes», realizada na sexta-feira, 26 de Janeiro. O sr. dr. José Pontes, que se vê à esquerda, fez uma vibrante alocação às corporações mutualistas e ao povo de Lisboa que tão bem compreendeu e apoiara a «Semana do Mutualismo» da iniciativa do jornal «O Século»



Vista do Parque Eduardo VII, no momento de ali chegar o cortejo mutualista, que resultou imponente e de alto significado. Compunha-se de mais de 29.000 pessoas de todas as classes sociais, e de cerca de 4.000 crianças. Foi uma soberba parada de forças mutualistas. Mais de 100 estandartes, bandeiras e pendões. O cortejo foi presenciado por uma grande multidão, que interrompeu o trânsito por algum tempo

ORGANIZADA PELO "SECULO,"



A escritora sr.^a D. Sara Beirão lendo a sua conferência «A mulher no mutualismo», na Associação de Socorros Mútuos «Montepio Fraternidade das Senhoras»



O sr. João Pereira da Rosa, director do jornal «O Seculo», rodeado de alguns categorizados mutualistas, aguar.da no Parque Eduardo VII a chegada do cortejo



Ao microfone do Rádio Condés pronuncia uma curiosa palestra o sr. Alexandre Ferreira, uma das grandes figuras do mutualismo português



O sr. dr. Pinheiro Tórreres, pronunciando a sua conferência, no Ateneu Comercial do Porto, subordinada ao tema: «A questão social e o mutualismo»



O sr. dr. Bento Carqueja, professor economista e director do jornal «O Comércio do Porto», com a direcção da Associação de S. M. dos Empregados no Comércio e Indústria, após a sua notável conferência sobre mutualismo



O sr. Carlos de Oliveira discursando na Associação de Socorros Mútuos «Alanca Operária», onde se efectuou uma sessão de propaganda mutualista



O sr. dr. Caetano Beirão da Veiga, antigo director do Instituto Superior Técnico e administrador-delegado do «Diário de Notícias», entre os membros da direcção da Sociedade «A Voz do Operário», depois de ter realizado uma brilhante conferência sobre «O Mutualismo e a técnica actuarial»



Na Caixa Auxiliar dos Amigos Sinceros fez uma conferência o sr. Silva Nunes, que falou sobre o mutualismo através várias épocas



O sr. Raul Dias de Almeida Braz—depois da sua interessante conferência sobre «O exercício prático do Mutualismo—seus vícios orgânicos»—rodeado de membros da direcção da Associação de S. M. dos Empregados no Comércio e Indústria



Pelo Pósto C. T. 1 A. A. efectuou no dia 18 uma pequena conferência sobre mutualismo o sr. Homero Gabriel de Sousa, presidente da A. S. M. dos Empregados no Comércio e Indústria

O elogio histórico do grande escritor Henrique Lopes de Mendonça



Em cima: O grande poeta Eugénio de Castro, da tribuna, traça o elogio histórico de Henrique Lopes de Mendonça. — Ao lado: O sr. dr. Júlio Dantas, douto presidente da Academia, abre a sessão de homenagem a Henrique Lopes de Mendonça. — Em baixo: Aspecto geral da assistência à sessão, no momento de estar no uso da palavra o sr. dr. Júlio Dantas

No sábado 21, a Academia de Ciências inaugurou o seu 154.º ano de trabalhos, numa sessão de grande solenidade. Homageou-se o grande escritor e poeta Henrique Lopes de Mendonça.

Presidiu o eminente homem de letras sr. dr. Júlio Dantas. Sentavam-se junto dele os srs. ministros da Instrução e dos Negócios Estrangeiros, o sr. dr. Pedro José da Cunha e o sr. Joaquim Leitão, secretário geral da Academia. Ao lado, em frente, nas primeiras filas de cadeiras, estava o Corpo Diplomático acreditado em Lisboa, professores das Universidades e Escolas Superiores, autoridades da República, doutores da Igreja, oficiais superiores do Exército e da Armada e quasi todos os membros da Academia de Ciências e da Academia de Belas Artes.

Abriu a sessão o sr. dr. Júlio Dantas que disse que a Academia inaugurava o ano académico de 1933 e que era tradição fazer coincidir esse acto inaugural com os elogios históricos dos grandes mortos da Academia. E acrescentou:

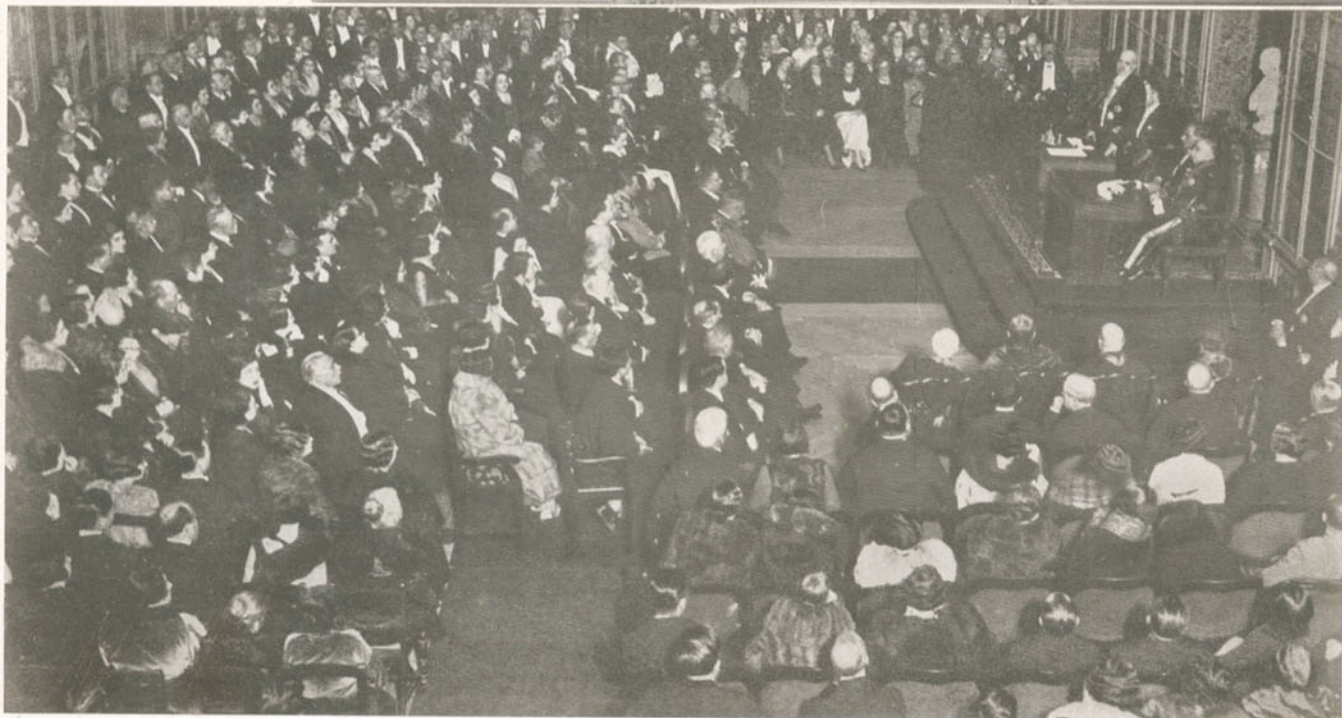
«Hoje, revive a memória saudosa dum príncipe das letras, alma de português, em cuja obra monumental, animada dum forte sopro heróico, se sente por vezes o toque do mesmo bronze de que é feita a obra de Herculano: Henrique Lopes de Mendonça.»

«Pronuncio este nome com profunda comoção. Lopes de Mendonça foi para mim um amigo e um mestre, o prefaciador eminente do meu primeiro livro, a mão gloriosa e generosa que me abriu as portas da Academia, o conselheiro quasi paternal de toda a minha vida literária, já — ai de mim! — longa demais. Na hora das suas exequias académicas, eu preferiria ter a honra de sentar-me obscuramente junto de seus ilustres filhos, nesse recolhido e expressivo silêncio, que é a eloquência do coração.»

Depois de se referir ao notável poeta Eugénio de Castro — sucessor da cadeira de Henrique Lopes de Mendonça — e que vai fazer o seu elogio, o sr. dr. Júlio Dantas foi alvo duma prolongada salva de palmas.

Sobe depois à tribuna o autor do poema «Salomé» e traça o elogio de Lopes de Mendonça, em seguida ao que o sr. Joaquim Leitão recorda também a figura do escritor do «Duque de Viseu».

Foi uma sessão memorável.



A «grippe» em Londres



GRASSA, com grande incremento, a «grippe» na capital inglesa. Alguns escritórios adoptaram para os seus empregados o uso duma máscara especial, que impede o respirar os micróbios propagadores do terrível mal, que por si só pouco dano causa, mas que vem descobrir no organismo outras doenças, por vezes fatais.

O mal futuro: o gaz



Na Alemanha, nem só o homem se defende contra a próxima guerra... Os cães, preciosos auxiliares dos soldados, também se vão acostumando ao uso das máscaras. Os últimos exercícios, realizados a 74 quilómetros de Berlim, deram ótimos resultados.

A graça alheia



— MEU AMOR, «NÁPOLES YÉR E DEPOIS MORIRÉS!»
— QUANDO QUERES PARTIR?

PELO MUNDO FÓRA

As «taxis-girls»



Em alguns «cabarets» parisienses, como já havia em Berlim, apareceram há semanas, ranchos de raparigas que se prontificam a dançar mediante o pagamento duma pequena remuneração, que é feita à porta, recebendo-se em troca um bilhete. Esse bilhete é depois entregue à «girl» que se escolher. Ei-las, à entrada dum «cabaret» esperando par. É uma maneira honesta de ganhar a vida. Cada dança custa 1 fr. e 50, ou seja 1\$85 na nossa moeda. Devemos convir que não é caro...

A maior locomotiva do mundo



A mais poderosa maquina de caminhos de ferro acaba de ser construida no «Office Central d'Etudes du Materiel», em França. Nas experiências realizadas bateu todos os «records». Será utilizada no rápido Paris-Cherbourg.

A peça «Topaze» no cinema



A célebre peça «Topaze», que celebrou Marcel Pagnol, acaba de ser posta em filme. O papel principal foi entregue ao grande actor Louis Jouvet. Entre nós, esse personagem, foi criado por Assis Pacheco, um artista da moderna geração que marcou um lugar na cena portuguesa. Esperemos que o filme se exhiba entre nós para se fazer o confronto...

O cinema está procurando no teatro os seus enredos. Além da comédia «Topaze», uma outra empresa cinematográfica francesa está filmando a peça «Le couché de la mariée», que no Teatro do Ginásio foi à cena a época passada, com o título «O deitar da noiva», e interpretada pela companhia Ester Leão-Abílio Alves.

O «Atlantique»



PROSEGUEM as investigações sobre o incêndio que devorou em poucas horas o grande barco «Atlantique». O comandante Schoofs, que só à força saíu de bordo, têm sido incansável nas pesquisas. Não se conforma com a perda do seu navio.

O professor Piccard



ESTEVE em Paris, de passagem, o célebre professor Piccard. Realizou uma conferência na Sala Pleyel, sobre a sua próxima ascensão. A fotografia foi tirada durante a exibição do filme explicativo das suas últimas experiências.

A conferência assistiram muitos aviadores franceses, e professores das Universidades. Foi um acontecimento científico em Paris. A Sala Pleyel estava à cunha.

A graça alheia



— QUEM É? NÃO CONHEÇO...
— AH! É VERDADE, TENHO ESQUECIDO DE TE DIZER... É O MEU PROFESSOR DE YÔ-YÔ...



Em as estúas do parque de Riga saúdam o arvoredo engalanado...

NEVE, gëlo; fantasmagoria do branco, delicioso tormento de luz viva, centêlhas douradas, estrelas de inverno!

Cenário quimérico sôbre a fantasia de um céu azul!

Dez, trinta, quarenta quilômetros de planície gelada; espelho incomensurável da Natureza. Casas, ruas, árvores, rios e mares, tudo canta a mesma fantasia da neve, tudo resplandece com a rigidês do gëlo.

A «Suíssa livoniana» constituída pelos deliciosos e pitorescos vales, banhados pelo Gauja, Sigulda, Krimulda, e Turaida; a graciosa cidadésinha de Cêsis; o vale de Abava, Plavinas, Kokenesia, Ogre e Rôpazi, apresentam-se agora sob um novo aspecto. Resplandecem de luz, de uma luz viva que nos fere a vista e entontece.

Os olhos choram apesar dos óculos que nos deram para atenuar as rajadas do ar frio, glacial, cortante, que sibila em volta de nós.

Faz sol, um sol lindo que nos não aquece, um sol que se reflecte no gëlo, nos prismas translúcidos que pendem das casas e das árvores e na superfície lisa do chão, que se projecta de encontro a nós, cegando-nos e abismando-nos enquanto nos deslumbra. O verde escuro dos pinheiros enormes fôra substituído pela côr branco-pérola da neve e as estradas intermináveis, longas, foram alfombradas de neve que a persistência do frio transformara em gëlo.

Nas margens do Daugav as rochas tomam o aspecto de montões de gëlo à espera do embarque. Brillham, cintilam, despedem raios de múltiplas e variadas cores...

Sob os nossos pés as camadas tênues estalam e despedem fâscas, saltitam e estre-mecem; transformam-se em água e logo solidificam.

Estamos entre gëlo, bloqueados pelo gëlo, e esquecemos o frio para só nos recordarmos que estamos num reino maravilhoso, fruto de uma prodigiosíssima fantasia.

Agora regressamos aos trenós (reed). O gado, três cavalos



Paísagem nocturna

(sing) possantes, relincha. O frio apoquentamos. As ventas fumegam como duas chaminês de vapor. O cocheiro faz asso-biar o chicote e os cavalos partem a galope como que numa pretensa recuperação do tempo perdido, como que num cons-ciente desejo de aquecer, de reanimar os membros quasi entorpecidos.

No Báltico os «quebra-gëlos», andam num constante vai-vem. A tônã de água futuam superfícies geladas.

Entretanto, no pôrto de Riga o movimento continua a manter-se grande. Aquela gente trabalha sob o rigoroso inverno tal como nos encantadores dias de verão.

O frio glacial não lhes amortece o entusiasmo: talvez uma questão de hábito.

Passamos em Bulli, Bulduri, Dzintari e outras localidades que se estendem ao longo do Báltico e do rio Lielupe e entram na praia de Riga.

Num ou noutro restaurante — todos eles esplendidamente aquecidos — ainda se toca, se realizam chás-dançantes e concertos.

A práia é agora um enorme recinto de patinagem. O mar gelára. Um vasto «ring». Onde porém a água ainda não tomára êsse estado ou nas lagôas provenientes da liquefação das superfícies menos densas, há quem se divirta tomando banho.

Um arripio percorre-nos o corpo. Todavia os originais banhistas estão num à vontade tão grande tal como em pleno estio. Como se fôsssem bolas, brincam com os blocos de gëlo, sentam-se sôbre ães. O frio não os incomoda a-pesar da leveza da sua toilette,

O espectáculo da neve

a-pesar de manterem os corpos semi-nus.

Só em Ventspils e Liepaja o mar continua a manter a mesma côr azul e as ondas a sua orla branca.

O gëlo poupa êstes dois portos da Letónia e os transatlânticos sulcam as suas águas sem o mais leve atricto ou impedimento.

Mas, continuando a percorrer o território letão, o espectáculo é sempre o mesmo, magnificente e grandioso.

As vias do caminho de ferro estão cobertas de neve, neve alta que espadana à passagem do combóio. Faz frio, um frio que nos enregela os ossos e que os pesados abafos não conseguem amortecer ou abrandar.

No «treno» vai um cantil com «bogka» Esta bebida que em qualquer outra ocasião acharíamos detestável, tai o seu grau



Em regressamos aos trenós... O cocheiro faz asso-biar o chicote...

alcoólico, é agora extraordinariamente apreciada e sofregamente desejada; estimula-nos, faz-nos reagir contra aquela temperatura a que não estamos habituados.

A compensação do mal estar que nos dá aquele frio agreste, temo-la naquele fantástico cenário que se vai desenrolando diante dos nossos olhos.

Nos rios, nas fontes ou nos beirais a água solidifica-se sempre com aspectos diversos; daí o ficarmos maravilhados com o fêricio daquela arquitetura da Natureza.

A própria atmosfera, o ar que nos envolve, até ela mesmo nos parece tenue e transparente como certas camadas de gëlo que se quebram à nossa passagem.

E os «reed» seguem sempre, continuam deslizando sôbre o gëlo, sôbre aquelas superfícies geladas que os cavalos estalam umas vezes, britam outras fazendo saltitar estilhaços onde o sol se reflecte transforman-

maravilhoso e do gëlo

do-os em scendêlhas. E êste País, agora vestido de branco, é outro completamente diferente. A primavera é linda; nos prados, nos campos, nos jardins, respira-se uma brisa tépida, amena e perfumada...

E o inverno?! Um inverno assim, onde a neve brilha e o gëlo encandêa?! Vacila-se ao optar.

Êste tem qualquer coisa de fantástico, de inconcebível, de ideal; aquê de embriagadôr e terno. Ao contemplar-se o gëlo, cega-se com a prodigiosa luz que reflecte e as flôres perturbam seduzindo ao admirá-las.

O sol ao incidir naquêles incomensuráveis lençóis de gëlo é senhor e rei: resplandece em tôda a sua grandeza, entontece-nos com o seu brilho.

E a lua?! Que de contrastes o gëlo não apresenta quando acariado pela luz



Nas margens do Daugav

suave do luar?! Não ha frases com que os exprimir nem côres com que os pintar.

Cenário quimérico germinado por uma transcendente imaginação!

E êste maravilhoso espectáculo de neve e gëlo mantem-se durante meses seguidos, transformando completamente o aspecto desta antiga provincia russa.

Os automóveis, os trens e as carroças cedem os seus logares aos trenós.

Os letões caminham agora providos de «skys».

As estradas macadamizadas ou alcatroadas desapareceram sôb as espessas camadas de neve que pouco a pouco se vão solidificando.

Não se ouve o murmurar das águas das ribeiras ou o rugir das torrentes impetuosas.

A água petrificára. Dorme tranqüila entre as encostas que lhe são berço. Dir-se-ia que descança do seu correr constante, da sua fadiga estival. Dir-se-ia que descança para uns meses mais tarde despertar

mais fortificada, mais impetuosa do que era antes do violento frio lhe ter tolhido os movimentos, impedido de serpentear por entre os pinheiros, por entre aquelas pedras que estre-mecem deante da sua força potente.

Dir-se-ia que a água agora adormecida se irrita com o degëlo com o sol que, aquecendo, a obriga a despertar e então como que a procurar vingança, a proclamar castigo, salta, ruge, corre furiosa, vertiginosamente alagando tudo, devastando tudo.

Depois, outra vez mais tarde, volta a acalmar, sussurra até adormecer.

Os pássaros perderam os trinados. De quando em quando uma ave grana na orla de um dos muitos bosques. Estamos na quadra triste do ano, silenciosa e fria.

A nossa vista, porém, não se fatiga, embora já um pouco atormentada, de admirar aquela paisagem, aquela metamorfose pela qual a Pretônia passa todos os invernos.

Os panoramas de gëlo deslumbam sempre.

Não se resiste à tentação de caminhar sôbre um mar gelado ou á volúpia de deslizar, num trenó, sôbre água naturalmente solidificada.

Há nisto qualquer coisa de sensacional e de emotivo.

Neve, gëlo; fantasmagoria do branco, delicioso tormento de luz! Casas, ruas, árvores, rios e mares tudo canta a mesma fantasia da neve, tudo resplandece com a rigidês do gëlo!

E nas noites escuras, lá ao longe, um pouco afastada do caminho, avista-se uma luz.



Na praia de Riga, há quem se divirta tomando banho...



Tudo canta a mesma fantasia de neve, tudo resplandece com a rigidês do gëlo...

Brilha através dos vidros da janela de uma daquelas «fermes».

Esta não nos entontece, apenas mancha o gëlo de vermelho, uma nódea sanguinea numa superfície branca e cristalina.

Envolve-nos uma neblina, espessa e húmida. Arrefece mais. Fuma-se bastante e ingere-se «bogka» para atenuar um pouco o frio.

Passamos agora próximo de uma outra «ferme». Do interior vem até nós a voz de uma mulher. Canta com melodiosa harmonia uma canção russa. Quanta dôlência, quanta nostalgia não têm êstes cantares?! Os trenós param e logo seguem e a voz perde-se na escuridão da noite, abafada pelos passos cadenciados dos cavalos e pelos guinchos dos trenós a deslissarem.

Neve, gëlo; espectáculo magnificente de quimérica fantasia, centêlhas douradas, estrelas de inverno!

Dez, trinta, quarenta quilômetros de planície gelada, espelho incomensurável, onde o sol se reflecte, onde o sol se mira!

Neve, gëlo; absorção máxima da nossa vista, concepção prodigiosa do Grande Mestre!

E ao regressarmos a Riga e ao passarmos junto do seu gracioso parque tivemos ainda a impressão de que as estátuas que lhe servem de ornamento, erguiam os braços saudando o arvoredo engalanado, aquele espectáculo de neve que só a Natureza poderia produzir. Entrando no «Aspazijas Boulevard» e ao saltarmos à porta do «Metrópole», traziamos impressionado na retina aquele cenário deslumbrante que nos fôra dado observar, aquela fantasmagoria de neve e gëlo, os fragmentos bizarros do cristal, aquelas decorações maravilhosas da Natureza que nos obrigam a manter na incerteza, na confusão da escolha dos estilos, na ignorância de optar por um, por outro, ou ainda, se devermos mais extasiar-nos diante do barôco ou contemplar o místico.

Tôrres de Carvalho.



É frequente vêem-se à margem fluvial de Lisboa, admiradores, enamorados do grande rio. Uns, meramente casuais; outros, constantes. E nem sempre são isolados platônicos; alguns compõem grupos festivos, tagarelas. Muitos tomam o vapor da carreira pelo simples prazer de cruzarem as águas, como um acto sensual. Vários boémios assim procuram a apoteose matinal das suas orgias...

Os platónicos, os espirituais, preferem a pura contemplação do rio. São emigrantes do pensamento, ou talvez, futuramente, de facto. Vão sentar-se para o Terreiro do Paço ou para o Jardim do Cais Sodré, senão vagueiam pela fábrica dos cais. São místicos, iluminados da religião do mar, e sentem a agitação das ondas no tumultuar das suas próprias veias. A distância marítima enleva-os, exalta-os; e se a míngua lhe nega o pão e as brasas dos seus lares, arrasta-os pelos seus caminhos libertos à luz, onde se esforçados nautas da Vida.

O Tejo, com o seu grande sonho azul, a sua maquinaria fantástica, os gigantes dos mares, as suas fragatas rudes e mansas, é o corredor, o átrio luminoso, aberto aos longos infinitos da luz, onde se desafogam grandes aspirações, e muitas vezes, por onde se marcham últimas esperanças.

— Tu, que vieste lá do teu êrmo provinciano para o deslumbramento, o brilho de pedras falsas, da Capital tumultuosa, e vais desoprimir, desafogar a tua asfixia e a tua desilusão para junto do grande rio claro, lá encontras, nos seus longes como na tua saúde, o bu-



colismo branco dos teus casais e a pastoral verde dos teus montes...

Manhãs do Tejo — aleluias de azul, com revoadas de grandes asas brancas. O seu adejar descreve circos de alvoroço pelo cenário confuso, eriçado, das docas. Ao longe lembram

pequenos sonhos de papel, com uma alma esparta nos olhos, e um coração que as está embalando. Nenhum voo é mais assimétrico, multiforme, como estonteado, estranho, que o seu voo. João Martins, o fotógrafo que fez da sua Arte mecânica e documentário dos mais belos momentos da sua sensibilidade, arquivou para o encanto dos nossos olhos alguns emotivos instantes da revoada das gaviotas sobre o Tejo...

— Olha o mar, tu que és Português, que tens nele uma religião de Grandeza e sentes a sua agitação no tumultuar das tuas veias...

As gaviotas são, para ti, as asas da alma da amplidão, revoando pela luz, vindas de longe, da epopeia viva dos mares. Espíritos alados, que arribam em tumulto, em revoada, da lenda eternamente naufraga dos nevoeiros. Grandes asas ansiosas, para sempre agitadas entre a inconstância dos ventos e o espadanar das ondas. Asas enormes, irrequietas, irmãs da do nosso sonho.

Nas manhãs lícidas, extasiadas, do Tejo, as gaviotas lembram as próprias espumas que voassem das águas e viessem bailar aos ventos. Como as nossas quiméras, das espumas do mundo, agitadas com as asas do nosso pensamento...

As gaviotas desfraldam as suas asas anciadamente, como abraçando os ares; elevam-se nêles, baloçam delas os seus corpos líbricos, volutuosos. Evolucionam em círculos dominadores do espaço, cabriolam, doidas, entregues à brisa que as transporta, num goso que exprimem bravamente os seus pios guturais.

Abatem súbitamente, as asas como destracadas, já mal batendo, de lassas, os ventos, e vêm beijar as águas, o bico debruçado para o beijo, o corpo que querendo soltar-se das próprias asas, que de novo se levantam, erguem ávidas de espaço. Assim, se finalmente, nelas se não envolvem, acon-

A SINFONIA DAS GAIVOTAS QUE PAIRAM SOBRE O TEJO

chegam, para se entregarem aos braços embaladores das ondas, já calmas, resignadas à condição do seu bulício eterno.

Então lembram pequenos sonhos de papel, com uma alma esparta nos olhos, e um coração que as está embalando.

Nenhum voo é mais assimétrico, multiforme, como estonteado, estranho, que o seu voo. João Martins, o fotógrafo que fez da sua Arte mecânica e documentário dos mais belos momentos da sua sensibilidade, arquivou para o encanto dos nossos olhos alguns emotivos instantes da revoada das gaviotas sobre o Tejo...

De harmonioso, só a mesma ância dominadora no



lançam-se em súbitas quedas de vertigem, que logo vão moderando, como estarrecendo o voo perpendicular, e por fim ficam-se a adejar ao lé das espumas, a bailar com elas, ariscas, estonteadas, o mesmo bailado redopiante dos ventos. Ou parecem, antes, cocotes irrequietas, levianas, tocando a esse espelho movediço o branco das suas pernas, a delicadeza das suas pernas, o donaire do seu colo orgulhoso, a graça do seu bico agudo, o abraço das suas enormes asas agitadas.

desgrenhamento branco das suas debandadas — cada par de asas com o seu equilíbrio, o seu geito, cada corpo com o seu requiebro, cada bico com a sua ância.

Há-as sonâmbulas, indolentes, que se dão inteiramente às brisas, que parecem ir voando adormecidas, a sonhar. Há-as estéricas, caprichosas, que se espreguiçam nos ares, furtam-se-lhes, rebeldes, jogam com eles ao desafio, querem, em pleno voo, desembaraçar-se das próprias asas; há-as várias, que variam de espírito de voo, a cada instante. São como o aspecto dos mares.

Os longos paquetes aportam, magestosos, dos horizontes sem fim, e trazem nos seus rastros do oceano, bandos migratórios de gaviotas. Outros dêses gigantes marinhos fazem-se, mingando a sua arrogância, ao largo, e levam-nas de retorno para o mar-alto, como densas névens aladas e fieis. Mais mansas, com vãos mais lentos, íntimos, de casa, seguem elas rio-acima o sulcar bonançoso dos veleiros. Ao pôr-do sol, as rudes fragatas, imóveis, em esqueleto, nimbam-se com os fantasmas das velhas náus. No silêncio de fadiga que cai modorinhento pelo espaço, recuam-se mais, lá para o céos monstruoso das suas cartilagens de ferro, o mundo marginal das docas. As últimas



restes do dia varrem-se sobre as águas, em que adeja um espírito novo, mais sensível...

E, na hora extrema em que o sol, exangue, começa a verter o sangue dos seus últimos ardores — galéu que arde ao longe com as nossas quiméras emigrantes — as gaviotas afluem-se, dão à costa com os seus vãos alvoroçados, as suas asas tumultuosas, e os seus pios intempestivos. Ou então, aves familiares das tempestades, debandam em grandes revoadas lentas, pelos nevoeiros fantásticos da luz. O seu esvoejar torna-se indefinido com os limites do próprio espaço.

Mas é a hora em que nas fragatas recolhidas, com as vérgas nuas, justinhas, irmanadas, fuméga a ceia frugal dos marítimos. Ei-los sentados, cachimbando, à borda do costado negro. E as gaviotas revêm, debiqueiras, à sua volta, à volta do seu repasto familiar.

Por fim, a noite cai...

Nunca há silêncio no mar. Os navios surgem como aparições noturnas, com lumaréus tremulando como fogos-fátuos, e luzes vagas, suspensas, como estrêlas mortas, flutuando.

O mar enche-se de superstição, de almas de naufrágio...

E, na ausência das suas grandes asas agitadas, temos a impressão íntima, de que as gaviotas arribaram a alguma praia deserta, e noivam nos seus ninhos de rochedo, onde as está embalando, a meia voz, o arrulho das ondas.

Aleixo Ribeiro.

(Fotos João Martins).



O QUE VAI PELO BRÁSIL

A *Ilustração* — graças ao Serviço Fotográfico do jornal *A Noite*, da capital brasileira — pode oferecer hoje aos seus leitores, alguns aspectos dos últimos acontecimentos sportivos, mundanos e sociais, ocorridos ultimamente no Rio de Janeiro.

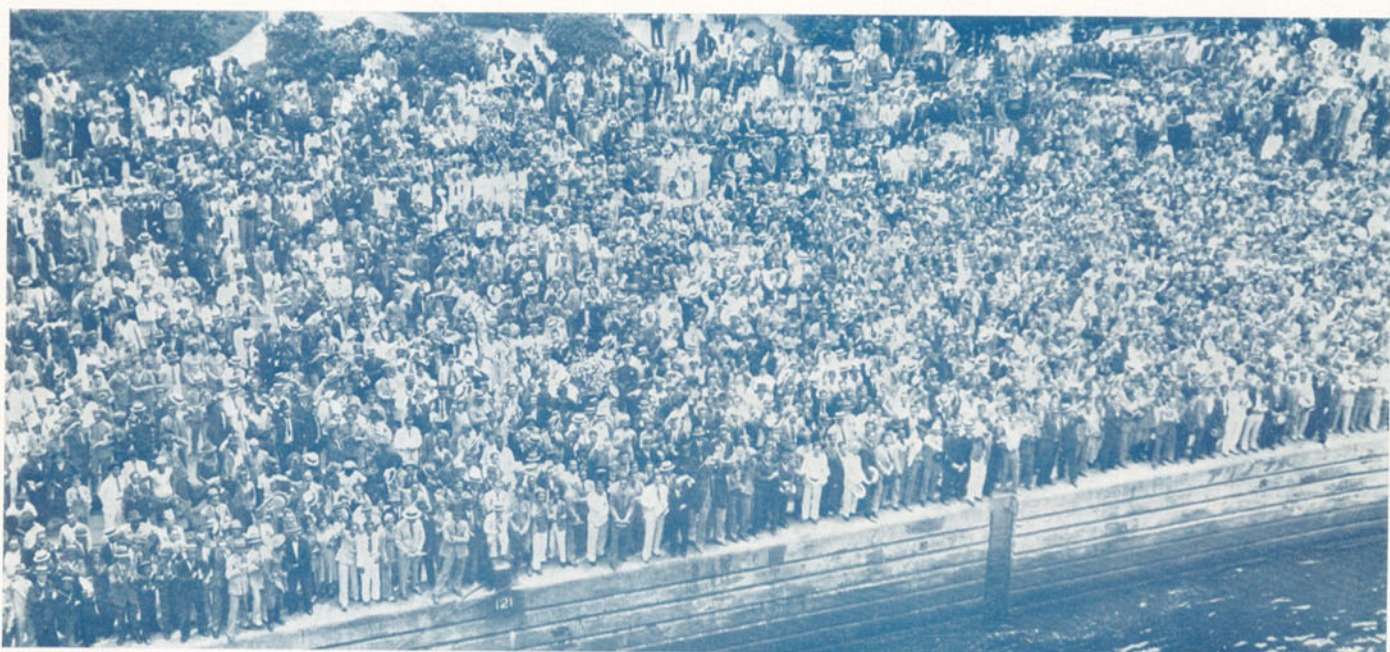
O grande poeta brasileiro Guilherme d'Almeida, falando há um mês à *Ilustração*, disse:

«O inter-câmbio entre os dois países é deficiente e daí resulta ser o Brasil pouco conhecido em Portugal».

Procuraremos com esta reportagem gráfica e outras que se hão de seguir, mostrar aos portugueses o que vai por terras de Santa Cruz.



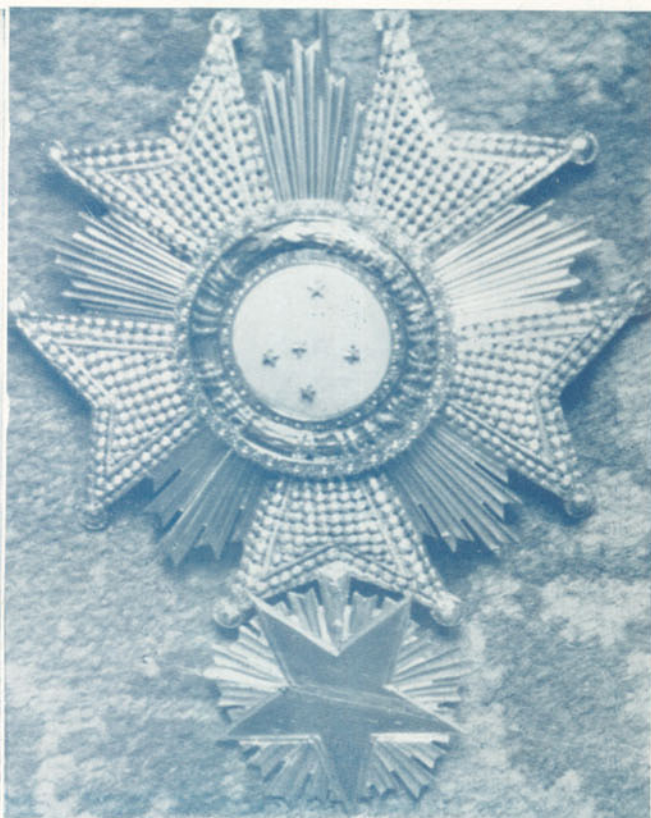
«FOOT-BALL» INTERNACIONAL — Fotografia tirada a bordo do «Atlantique» — durante a última viagem deste barco à América do Sul — do «team» brasileiro de «foot-ball» que em Montevideu (Uruguay) venceu o «team» uruguayno, conquistando assim para o Brasil a «Taça Rio Branco»



A chegada dos jogadores brasileiros ao Rio de Janeiro, foi um verdadeiro acontecimento citadino. Ao caes, acorreram ao encontro do «Atlantique», milhares de pessoas, que aclamavam delirantemente os vencedores do «team» que já por três vezes conquistou o título de campeão do mundo



Pelas ruas do Rio de Janeiro o entusiasmo foi enorme. Os automóveis em que seguíam os jogadores, passam entre alas compactas de povo. Foi uma verdadeira apoteose aos onze! rapazes que conquistaram — num «ogo» brilhante — a «Taça Rio Branco». O entusiasmo pode ser apalaidado tanto pela multidão que foi ao caes, como pelas flôres com que foram juncados os automóveis que conduzíam os jogadores



A ORDEM DO CRUZEIRO DO SUL — Por decreto do Governo Provisório do Brasil foi restaurada a Ordem do Cruzeiro do Sul, única condecoração existente naquele país e que só é concedida a estrangeiros.

O TUMULO DE SANTOS DUMONT — O grande inventor brasileiro Santos Dumont — o Pai da Aviação — morreu em S. Paulo no dia 25 de Julho do ano passado, durante a revolução. Nos últimos dias de Dezembro, foi o seu corpo trasladado para o Rio de Janeiro, onde ficou sepultado no jazigo que para esse efeito o governo brasileiro mandou construir. A gravura, representa o tumulo, após a entrada da urna, vendo-se as corças e as flôres que o povo brasileiro ofereceu.

NA EMBAIXADA PORTUGUESA — Aspecto do Garden Party, realizado nos jardins do Palácio da Embaixada de Portugal, por iniciativa de Madame Martinho Nobre de Melo, em benefício da Casa de Santa Ignês. Foi uma festa mundana a que assistiu todo o corpo diplomático acreditado na capital brasileira, alguns membros do Governo e altas individualidades do Rio de Janeiro.



Baile do Avenida Palace

FESTAS DE CARIDADE

Recebemos, com o pedido de publicação, da comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, que levou a efeito na noite de 28 de Dezembro, último, nos salões do Avenida Palace, um baile de subscrição, cujo produto se destinava a favor da Sôpa dos Pobres da Freguesia de S. Sebastião da Pedreira, a nota da receita e despesa da mesma festa:

Receita, 7.350\$10. Despesa — Decoração da sala, 75\$00; Aluguer da máquina de sorteio, 30\$00; Estampilhas, 60\$00; Prensa (carimbo), 12\$00; Música, 1.700\$00; Aluguer do piano e fretes, 188\$00; Licença do Governo Civil, 10\$00; Gratificações a criados, 180\$00; Impresses, bilhetes e envelopes, 200\$00; Gratificação ao bilheteiro, 75\$00. Total, 2.530\$90. Líquido entregue à Sôpa dos Pobres da Freguesia de S. Sebastião da Pedreira, 4.819\$50.

Em Paris

No «Cercle Interallié» realizou-se uma interessante recepção oferecida pelo nosso compatriota, o distinto pianista sr. José Rosenstok, à qual assistiram S. A. R. a Duquesa de Montpensier, Princesa A. de Kapurthala, Princesa M. de Brogli, Príncipe e Princesa de la Tour d'Auvergne, Princesa F. de Faucigny Lucinge, Condessa G. de la Rochefoucauld, Condessa J. de Lévia, Condessa H. de Mun, Conde e Condessa du Boisrouvray, Conde e Condessa M. de Longevialle, Condessa A. de Bertier de Sauvigny, Conde e Condessa A. de Vitrolle, Conde e Condessa de Fossa, Conde e Condessa de Montjou, Condessa L. de Meulle, Condessa d'Orsay, Viscondessa Curial, Viscondessa Benoist d'Asy e filha, Baronesa R. de Rotschild, Baronesa de Turckheim, Barão e Baronesa Gourgand, Barão e Baronesa Carsel, Senhora de Féligonde, Senhora de Rochecourte, Senhora de Dussand, Generale Lasson, Senhora de Cahen d'Ouvers, Senhora de Oppenheim, Mr. Conversa, Duque de Bisaccia, Marquês d'Oysenville, Marquês de Carde, Conde A. de Gabriac, Conde A. de Charnières, Conde Orlovsky, Conde d'Omien, Conde de Sayve, Conde de Roquefeuil, Conde de St. Serin, Conde Waszkiewicz, Conde d'Endeville, Conde B. Costa de Beauregard, Conde P. de Jonvencel, Conde de Obidos, Marquês de Veyrac, Conde de Fontenailles, Mrs. Lchr, Mrs. Batche Batcheller, Senhora Fauquet-Lemaitre, Mr. de Jonvencel, Mr. de la Escalera, Mr. A. de Fonquières, Mr. Penardy Fernandez, Mr. de Boisanger, Mr. Filipe de Oliveira, General Dupord, Mr. Paul Goldschmitt, etc., etc.

Casamentos

Na Basílica da Estrela, realizou-se com grande brilhantismo o casamento da sr.^a D. Alfredo Adriana de Brito Keil, gentil filha da sr.^a D. Mary de Brito Keil e do sr. Luiz Keil, ilustre conservador do Museu Nacional de Arte Antiga, com o distinto clínico sr. Dr. José Alfredo Nobre Cartaxo, filho da sr.^a D. Maria da Conceição Nobre Cartaxo e do sr. Alfredo Francisco Cartaxo, já falecido.

Foram madrinhas as sr.^{as} D. Julieta Borges Zenóglia, D. Maria Constança Romão Tenório e a mãe da noiva, e padrinhos os srs. Embaixador da Alemanha, no Japão, Dr. Ernst Artur Noretzsch; que se fez representar pelo Conde Karl Max du Moulin-Eckart, Conselheiro da Legação da Alemanha, em Lisboa, Conde da Foz, Augusto Ventura Nobre, tio do noivo, e o pai da noiva.

Celebrou o acto religioso, Monsenhor Porfírio Quintela, vigário da Golegã, amigo íntimo do pai da noiva, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, sendo assistido pelo reverendo prior da Lapa, Monsenhor Domingos Nogueira.



Um grupo elegante tirado na Serra da Estrela, por ocasião da inauguração dos desportos de inverno organizados pelo Sky Club de Portugal

VIDA ELEGANTE

Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Serviram de damas de honor da noiva, as sr.^{as} D. Fernanda e D. Regina Lemoine Branco, D. Ema Orleb, D. Maria José Gelweiler, D. Mariana e D. Tereza Bonito de Oliveira.

Durante a cerimónia, uma orquestra sob a direcção do maestro professor Pavia de Magalhães, executou vários trechos de música religiosa da autoria do saudoso e eminente compositor Alfredo Keil, avô paterno da noiva.

Um grupo de senhoras cantou uma «Avé Maria».

Terminada a cerimónia religiosa, foi servido na elegante residência dos pais da noiva, à Avenida da Liberdade, um finíssimo lanche.

Na assistência notavam-se:

Ministro da Alemanha e esposa, Ministro da Noruega e esposa, Encarregado dos Negócios da Itália e esposa, Encarregado dos Negócios da Tchecoslovaquia e esposa, Conde du Moulin-Eckart, Conselheiro da Legação da Alemanha, Condessa Simon Hansen, Consul Geral da Suécia, esposa e filha, Karl Andersen, Consul geral da Estónia e esposa, Heinrich Orlob, da Legação da Alemanha, esposa e filha, Marquês de Faria, Conde da Foz, Conde de Mafra, Comandante Fernando de Lemoine Branco, esposa e filhas, General Teixeira de Aguiar, Dr. José de Figueiredo, Dr. Virgílio Correia e esposa, Dr. Giovanni Costanzo, Comandante Policarpo

Roma e esposa, Dr. Alberto de Mendonça, esposa e filhas, Dr. Mário do Nascimento, Dr. Alberto Mac-Bride, Dr. von Bonhorst, Dr. Diogo de Castro e Brito, Dr. Assis Lopes e esposa, Josef Gelweiler, esposa e filha, Helmut Kulemkampf e esposa, Dr. Luís Xavier da Costa, Armando Fernando Coelho e esposa, Aurélio de Sobral, Dr. José Antunes dos Santos, Luís Grandela e esposa, Tenente-coronel Meneses Leal, Major Marim, Augusto Ventura Nobre, Dr. Santos Freitas e esposa, João Romão Tenório, esposa e filha, Dr. João Alves Barata e esposa, D. Marcelina Bicudo de Medeiros, Frederico Hopffer e esposa, Dr. Bernardino dos Santos Freire, D. Mecia de Matos, Dr. Manuel de Vasconcelos, Dr. Luciano Ravara Alves, Dr. Firmiano da Silva Pereira, João Pe-sôa, Adolfo Ferreira Lima, Mr. Simulim, Manuel Rego e esposa, Dr. José Paredes, Salvador de Oliveira e esposa, Dr. Armando dos Reis Vale, Luís Saraga da Mota e Sousa e esposa, Dr. João da Silva Folgado, Dr. Castro Caldas, Dr. Fernando Pais de Vasconcelos, Luís de Sousa Ribeiro e esposa, Dr. Filipe Salazar de Sousa, etc., etc.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas e artísticas prendas.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso a sr.^a D. Maria do Carmo da Câmara de Noronha Husum, esposa do sr. Carlos Husum. Mãe e filha estão de perfeita saúde.

Desportos de inverno

NA SERRA DA ESTRELA

No passado domingo 22 de Janeiro, realizou-se com uma enorme e selecta concorrência, na Serra da Estrela a inauguração oficial dos desportos de inverno, a bela iniciativa do Sky Club de Portugal, club, fundado o ano passado, por iniciativa de um grupo de rapazes verdadeiros entusiásticos dos desportos na neve, a qual constituiu um verdadeiro acontecimento mundano e desportivo.

O Sky Club de Portugal, conseguiu levar a cabo a sua imprensa, com a cooperação na Câmara Municipal da Covilhã e da Comissão de Iniciativa e Turismo da mesma cidade.

Antes do almoço a que se seguiu um «Porto de Honra» aos representantes da imprensa de Lisboa e Porto e autoridades, realizaram-se vários exercícios na neve, à altitude de perto de 1.700 metros, tendo havido várias peripécias que despertaram na selecta assistência, franca hilaridade, quando os exercícios eram efectuados por principiantes.

O aspecto da Serra da Estrela, na Nave de Santo António, nessa manhã de domingo 22 de Janeiro, ficará decerto marcada na memória de todos aqueles que a ela assistiram, não só pelo espectáculo verdadeiramente maravilhoso que a natureza oferecia, como também pela animação em que decorreram os exercícios na neve.

Na assistência recorda-nos ter visto entre outras pessoas: D. Adeline Vieira Ferreira Pinto e filhas D. Luiza, D. Lola e D. Sarah; D. Fernanda Souto Simões, D. Luiza Teles Machado Mexia Salema, D. Encarnação Salavisa, D. Maria Abreu, D. Ilda Salavisa, Dr. Alexandre de Almeida Garrett, Comandante Pissara, Dr. José Baltazar, João Simões, Detlev Mastbaum, Consul da Noruega, João Carvalho, Segundo Tenente José Fernando Maria Salema, Arsenio Cordeiro, Zilles Peres, Dr. José Augusto Garcia, Augusto Guimarães, Dr. Gomes de Oliveira, Alferes Soto Maior, Alferes Deslandes, António Lopes, Udo Schaw, Hans Zickeman, Gustavo de Matos Sequeira, Rogério Garcia Peres, João Raff Törres de Carvalho, Amadeu de Freitas, Jorge Simões, Fernando Soares, Guilherme de Carvalho, Emílio Loubet, Hugo Rocha, Carlos de Vasconcelos e Sá, etc, etc.



A sr.^a D. Alfredo Adriana de Brito Keil e o sr. dr. José Alfredo Nobre Cartaxo, por ocasião do seu casamento, realizado na Basílica da Estrela

D. Nuno

Poucas devem ser as criaturas humanas sobre quem tenham circulado tantas histórias fantásticas como o grande Charlie Chaplin.

As mais extraordinárias versões da sua vida têm corrido Mundo. Foram-lhe atribuídas as mais singulares intenções, os mais estranhos caprichos, os mais imprevisíveis projectos artísticos.

Ultimamente, é a sua recusa em trabalhar para o fonocinema, em não deixar que a sua voz célebre soe através dos ecrãs, que tem provocado tôdas essas manifestações da curiosidade universal. Charlot tem defendido os seus pontos de vista sob um critério estético, recusando ao cinema falado categoria de arte e afirmando que ele vem tirar ao cinema a sua melhor prerrogativa — a de não conhecer fronteiras.

Forçoso é reconhecer, mesmo para os que discordem de tais opiniões, que elas são estabelecidas sobre raciocínios sólidos e dignos de consideração.

Mas, dum modo geral, as razões da sua recusa têm sido dificilmente aceites. E todos procuram encontrar para a obstinação do célebre cómico uma razão mais simples, mais comezinha e aceitável.

Para dar satisfação aos que assim pensam, chegou há dias a Bucareste, na Roménia, um tal Negulesco, ex-dançarino, que pretende, segundo afirmou aos jornalistas, ter sido durante mais de dois anos o magagista de Charlot em Hollywood.

Negulesco afirmou também a sua intenção de escrever um livro de memórias que serão sensacionais, e, para aperitivo do seu trabalho que vai aparecer muito em breve, acedeu a contar a seguinte curiosa anedota sobre o incomparável artista.

Antes de iniciar a realização de «Luzes da Cidade», Charlot resolveu fazer um filme com por cento falado. Tratava-se duma curta farsa em duas partes no género dos seus primeiros filmes.

A filmagem foi rodeada do maior segredo de modo que nem o mais arguto dos repórteres americanos jamais descobriu de cousa alguma. Uma vez terminado o trabalho quis Charlot apresentá-lo ao público numa pequena vila do Estado da Califórnia.

Negulesco assegura ter assistido a êsse espectáculo que foi um fracasso estrondoso. Charlot esteve docente durante semanas. Mais tarde destruiu o filme e declarou então que nunca entraria num filme falado. Tal é a origem da sua decisão segundo Negulesco, pretensão magagista do maior cómico do Mundo. Até que ponto corresponde ela à verdade?

Mais tarde o saberemos — M. R.

Henry Garat e Lillian Harvey devem chegar por êstes dias a Hollywood, onde tudo se encontra a postos para utilizar as suas aptidões.

Henry Garat terá como *partenaire* no seu primeiro filme a linda Janet Gaynor, e fácil é imaginar que admirável par formarão no *écran*

CINEMA

NOTA DA QUINZENA

O segredo de Charlot?

os dois artistas. Lillian Harvey, por seu lado, actuará ao lado de John Boles e do cómico El Brendel no filme «His Majesty car» (O carro de Sua Magestade).

Um tribunal americano acaba de fixar as bases do divórcio da actriz Eleanor Boardman e do conhecido realizador King Vidor.

O grande criador de «Multidão» terá de pagar mensalmente à sua ex-mulher uma pensão de cerca de cento e cinqüenta contos da nossa moeda, o que não é tão exagerado como parece,



Chevalier e Marlene Dietrich, sobre cuja amizade tanto se falou na Imprensa americana

visto estas verbas serem calculadas sobre a fortuna pessoal e honorários do réu. Eleanor Boardman, por sua vez, assume o encargo da educação dos dois filhos.

O divórcio foi requerido pela actriz com o fundamento de adultério, o que na pudibunda América do Norte tem uma gravidade de que entre nós nem se suspeita.

Está em projecto uma versão falada do notável filme silencioso «A irmã branca» que Ronald Colman e Lillian Gish interpretaram há

anos e que obteve nesse tempo um ruidoso sucesso.

O papel de Ronald Colman será desta vez interpretado por Nils Asther. Ainda não está assente quem substituirá a grande trágica Lillian Gish.

Parece, porém, que o argumento será modificado visto que se noticia, por outro lado que Nils Asther está recebendo instrução como piloto aviador a fim de estar apto a realizar certas cenas dêste filme.

Collen Moore que foi célebre há alguns anos e que o cinema falado afastou da actividade, vai regressar de novo à tela, interpretando um filme em que tem como *partenaire* o pequeno artista Jackie Cooper.

Numa cena do seu último filme Douglas Fairbanks Júnior pôs, uma vez mais, em evidência a sua audácia, com enorme desespero da empresa para que trabalhe.

Filmava-se um salto em para-quedas dum avião em marcha que representava ser dado pelo conhecido actor. Embora nunca tivesse realizado a arriscada proeza, Douglas Fairbanks Júnior recusou o auxílio dum «duplo» e quis êle próprio efectuar o salto, o que consequentemente sem incidente.

«14 de Julho», o último filme de René Clair, está obtendo em Paris um sucesso enorme exibindo-se de dia e de noite perante salas cheias.

Referindo-se a esta obra do admirável artista, Alexandre Arnoux, um dos mais reputados críticos de cinema franceses, diz que é fora de dúvida que René Clair tem produzido filmes mais vigorosos do que êste — e cita a propósito «Á nous la liberté!», — mas nenhum mais bem acabado ou que melhor traduza a ideia que do grande realizador fazemos.

Eric von Stroheim, depois dum ruidoso insucesso financeiro de alguns dos seus filmes, ocupa-se, por agora, em escrever argumentos. Terminou já um para a Metro que tem o título de «Paprika» e prepara outro que será o primeiro filme que Ana Sten interpretará após a sua chegada à América.

Jeanette Mac Donald vai trabalhar na Europa, interpretando nos estúdios de Londres um filme, que já se encontra em preparação.

Esta colaboração da ilustre artista, a quem se atribui a melhor voz do *écran*, foi obtida por acôrdo entre a «Gaumont British» e a empresa americana a que ela se encontra ligada por contrato, e tem validade apenas para um filme.



O inconfundível Buster Keaton num dos seus filmes

artista latino alcance o domínio dessa difícil técnica de fazer rir tal como a compreende a raça anglo-saxónica. Max Linder, neste caso, não é uma regra — é uma excepção. Ao passo que o artista americano procura fazer rir, o latino contenta-se em fazer sorrir. Daí a impossibilidade quasi absoluta para os produtores europeus de dar vida a obras admiráveis como essas que nos chegam do outro lado do Atlântico em que o espectador é conduzido de surpresa em surpresa com o fim único de fazer desencana-dear nêle uma série de gargalhadas.

Esta superioridade incontestável do cómico norte-americano explica-se pela psicologia das raças. O humorismo anglo-saxónico é por condição absurdo. Prescinde do raciocínio, porque tem base apenas no imprevisito. Não se analisa — sente-se.

O espectador latino, por seu lado, procura estabelecer o comentário, associar as idéas. A essência do cómico americano escapa-lhe, por esse motivo mesmo. E quanto ao artista, esse prefere a observação irónica ou satírica que suscita uma idéa e que é, por natureza, lógica.

Do que resulta a distinção, tantas vezes acentuada, entre espírito e «humour», criações específicas de duas raças bem distintas pelas suas características e pela sua mentalidade — a raça latina e a anglo-saxónica.

Mas ao passo que o espírito — galicismo de aceção que o uso consagrou — tem no cinema uma posição mediocre, o «humour» ocupa dentro d'ele um lugar de destaque. É d'ele, pois, que nos vamos ocupar neste artigo.

Os americanos, que levaram a racionalização do trabalho às suas últimas consequências criaram para uso dos seus filmes cómicos uma classe de colaboradores de singulares atribuições — os *gagmen*.

Gagman é um indivíduo encarregado de criar os *gags*, esses pequenos incidentes que provocam o riso e que são o próprio fundamento das farsas cinematográficas.

Alguns d'estes humoristas do cinema alcançam uma certa nomeada. A maioria, porém, vive ignorada do público que, no entanto, não regateia aplausos aos artistas que executam as fantasias da sua imaginação. Muitos cómicos

como dissemos, o imprevisito está na base de todo o humorismo. É d'ele que forma o *gag*, palavra inglesa com que se define o incidente introduzido num filme com o fim de provocar o riso. E é sob este aspecto que o vemos revestir no cinema as formas mais variadas.

«Cinema o verdadeiro humorismo é tipicamente norte-americano. É raro que um

célebres não desdenham a colaboração de tão preciosos auxiliares. Buster Keaton realiza os seus filmes com a assistência de diversos es-

pecialistas d'esse género, um dos quais tem sido o famoso «Fatty» Arbuckle, cómico célebre há alguns anos cuja carreira um trágico incidente veio interromper.

Dos processos de trabalho dos *gagmen* pouco se sabe. É natural que colham a inspiração para as suas criações do exame atento dos mais pequenos incidentes da vida, um tanto talvez ao sabor do acaso.

O certo é que, conscientemente ou não, todos partem da mesma condição essencial — o imprevisito. E é por ela que atingem o domínio completo da arte difícil de arrancar gargalhadas. E a propósito, passemos em revista alguns dos *gags* mais frequentes dos filmes cómicos americanos que revestem no cinema as mais variadas formas

* * *

Uma das aplicações mais simples do imprevisito consiste na diferença entre o acto e a sua consequência. Assim, por exemplo, um cómico procura dominar o seu adversário assentando-lhe uma vigorosa coronhada no crânio. Mas ao invés do que se poderia esperar, é a espingarda que se quebra ao passo que o atingido não dá mostras de ter sentido o golpe.

Uma infinidade de *gags* semelhantes se encontram dispersos pelos filmes cómicos dos primeiros tempos do cinema. Mais tarde, a evolução natural do sentido cómico conduziu, naturalmente, a uma maior complexidade na confecção do *gag*.

A repetição prolongada dum incidente, dum gesto ou duma frase, pode ser motivo fértil de comicidade. É esta mesmo, ainda hoje, que forma alguns dos mais felizes *gags* de Stan Laurel e Oliver Hardy.

Para que a repetição tenha valor cómico é necessário introduzir-lhe o imprevisito. Imaginemos que o actor cómico passa por determinado lugar e que de todas as vezes derruba um objecto.



Uma cena de «Movie Crazy» o filme de Harold Lloyd que vemos muito em breve

CINEMA ORIGEM DO RISO

Quando o espectador começa a estar habituado ao facto surge o imprevisito. É o objecto que cai muito tempo depois da

passagem do actor quando não se esperava

já que o incidente se desse ou então antes mesmo do actor ter passado.

Há um *gag* deste genero particularmente feliz num filme de Pamplinas, se não estamos em erro. O célebre cómico é perseguido por um inimigo implacável que, de cada vez que o encontra, o deixa prostrado no chão com um sôco. O facto torna-se habitual até que a vítima resolve deitar-se no chão logo que encontra o seu antagonista.

O orifício aberto no sólo, no caminho do transeunte distraído é ainda um variante deste mesmo *gag*. E ainda há pouco tempo o vimos empregado por Charlot em «Luzes da Cidade».

A fatalidade tem também os seus aspectos burlescos a que o cinema tem ido buscar tema para muitas cenas hilariantes.

Há neste genero um *gag* de excepcional categoria num dos filmes de Harold Lloyd. O conhecido cómico dos óculos com aros de tartaruga é *chauffeur de taxi* e espera impacientemente um freguês. Chega um e ele procura abrir a porta do seu automóvel. Mas esta resiste a todos os esforços. Debalde o pobre *chauffeur* põe em acção todos os expedientes. A porta permanece fechada. Entretanto o cliente tomou lugar noutro taxi e Harold, descoroçoado, dá um pontapé na porta que se abre desta vez com toda a facilidade. E o efeito é então duplicado porque daí por diante a porta resiste a todas as tentativas para a fazer fechar novamente.

Como vemos é ainda o imprevisito que caracteriza estas cenas e que lhe dá o seu admirável sabor cómico.

Há também uma espécie de *gag* que, por sua própria natureza, se encontram muito acima, de todos os que temos descrito. São aquelas a que podemos chamar poéticas e que se baseiam numa associação de idéas.



Outra cena de «Movie Crazy» que é uma das mais felizes produções de Harold no movimento

O mais célebre neste genero e talvez a refeição de Charlot em «Quimera do Ouro», em que ele e o seu companheiro são forçados a comer uma bota por a tempestade de neve os ter isolado na cabana. O modo como Charlot executa esta cena, em que tudo evoca uma succulenta refeição, é admirável.

Também Buster Keaton em «As três idades» nos apresentou um *gag* similar. Ao ver à mesa dum hotel uma senhora que cuida da *toilette* do rosto, resolve fazer ali mesmo a barba.

Estes *gags*, baseados numa associação de idéas, são, como dissemos, os de maior valor artístico e os que trazem um sentido de comicidade mais profundo. Por isso mesmo são raros e só os grandes mestres do riso possuem o dom maravilhoso de lhes dar forma.

* * *

Analizados, assim, na sua essência, os *gags* revestem um aspecto acessível que talvez animem o leitor, se é dotado de imaginação, a projectar no cinema do seu cérebro muitos outros por igual modo cómicos.

A verdade, porém é que, a despeito desta aparente simplicidade, o *gag* nunca ocupou na Europa lugar comparável ao que disfruta na América. O filme cómico europeu não existe e os produtores contentam-se em matéria de filmes alegres com a comédia de situações, evitada de todos os defeitos da técnica teatral.

O aparecimento dum cinema cómico europeu não se afigura, pois, provável. E sendo assim, a gargalhada sonora e sãida continuará a ser produto de origem americana que à Europa cabe importar para atenuar as amarguras da época que decorre.

* * *

E contudo, apesar da enorme popularidade do filme cómico americano, os especialistas do genero não abundam nos Estados Unidos. Dentro duma indústria cinematográfica formidável em que as «estrelas» se podem contar às dezenas

e os actores de categoria a os milhares, os nomes dos artistas cómicos formam uma curta lista que não comporta muito mais de seis nomes.

A que atribuir este facto? Sem dúvida que ao excepcional conjunto de circunstâncias e facilidades indispensáveis ao triunfo dum actor, que, es-

tabelecendo entre elas rigorosa selecção, torna difícil o acesso aos que porventura pretendem fazer rir o público do Mundo inteiro.

Só por isso, cremos nós, o número de cómicos verdadeiramente dignos desse nome é tão reduzido. E' quer melhor se perdoá a um actor dramático que não nos emocione do que a um cómico que não consiga fazer-nos rir.

Ora a maioria das grandes cómicos ultrapassou já o apogeu da sua carreira. As probabilidades de ver Charlot produzir novas obras vão diminuindo. E mesmo na hipótese de que elas venham a realizar-se, difícil será que atinjam as fulminâncias geniais de «A Quimera do Ouro» ou «O Peregrino». Buster Keaton, por sua parte, manifesta há já algum tempo um declínio, que é bem sensível para os que conhecem a sua vasta obra desde o tempo das irresistíveis farsas em duas partes. Harold mantém-se ainda em plena pujança das suas admiráveis qualidades. Mas a lei inexorável do tempo não deixará de se fazer sentir na sua carreira brilhante.

Quem lhes sucederá? stará, porventura, o cinema cómico ameaçado dum rápido declínio?

Não o pensamos. A humanidade tem necessidade de riso para retemperar os nervos, para abrir clareiras no torvo agitar das suas inquietações. E ao seu imperioso chamamento não deixarão de surgir novos artistas que compoem com sombras as fórmulas imponderáveis da gargalhada homérica. Entretanto, as farsas continuarão a correr nos *écrans*, obrigando-nos a rir e a comentar entre frouxos de riso, para tranquilidade da nossa razão: «E' idiota!» Está nisto o seu segredo e a sua superioridade.

Manuel L. Rodrigues



à pesca

Num consultorio:

— Venho aqui, senhor doutor, porque a minha mulher está cada vez pior.
 — E o meu amigo julga que foi o remédio que fez mal?
 — Não senhor, o que me parece é que ela não resiste ás sacudidelas que eu lhe dou, antes de o tomar.
 — E porque é que a sacode?
 — Ora essa? Porque lá vem bem explicado no frasco:
 «Agite antes de tomar.»

— Sabes, vão levantar um monumento ao homem que inventou o acendedor automatico.
 — Não sabia.
 — Amanhã põem-lhe a primeira pedra...
 — Ao acendedor?
 — Não, ao monumento.

Num colegio:

— O que é patrimonio?
 — O que se herda do pai.
 — E o que se herda da mãe, como se chama?
 — Matrimonio.

Num hospital:

O medico — O senhor hoje não tem temperatura.
O doente — Pudera, a enfermeira tirou-ma ontem á noite.

O pai — E se nos divorciarmos com qual dos dois queres ficar: comigo ou com a tua mãe?
O filho — Com o que levar o auto-movel.

Um judeu viajava no comboio correio de Lisboa para o Porto e descia em to-

das as estações para comprar bilhete até á estação seguinte.

Um companheiro de viagem notando o facto perguntou-lhe qual o motivo por que viajava por aquele sistema.

— Não vê o meu amigo, como estou muito doente, não sei se chegarei ao Porto e assim em qualquer altura que morra não dou lucro á Companhia.

Na Penitenciaria:

O guarda — A tua mulher está lá fóra para te falar.

O prêso — Diga-lhe que saí.

O neurasténico — Estou cada vês mais triste.

O amigo musico — Queres que toque uma das minhas musicas para te distraír.

O neurasténico — Prefiro a tristeza.

Num tribunal:

O réu — Minha mulher foi presa por ladra e meu filho está em África por ter falsificado um cheque.

O juiz — E sua filha?

O réu — Essa é a vergonha da familia.

No momento em que o combóio passa junto dum enorme rebanho de ovelhas diz um dos passageiros:

— São 327.

— Como é que você conseguiu contá-las?

— Muito simplesmente. Conteí as patas e rapidamente dividi por 4.

O pai, comerciante, recebe na loja o futuro sogro da filha que lhe vem pedir a sua mão:

— Venho pedir-lhe a mão de sua filha.

— Muito bem. Leva-a já ou quere que lha mande a casa.

Numa camisaria:

O freguês — E esta camisa é de duração?

O caixeiro — Como vê está muito bem cosida.

O freguês — E o tecido?

O caixeiro — É seda crúa.

O freguês — Mau! É crúa ou está bem cosida?

No escritório dum advogado:

— Se quere que o defenda tem de me dizer tôda a verdade.

— Tôda, menos o sítio onde escondi o dinheiro.

Numa leitaria:

— Dê-me um quilo de leite.

— O leite não se pesa, mede-se.

— Então dê-me um metro.

— Fui ao médico e êle disse-me que a doença que eu tinha era devida a mastigar mal. Ora eu felizmente tenho bons dentes.

— E o que te aconselhou êle?

— Que pusesse uma dentadura na bôca do estomago para mastigar duas vezes a comida.

Um anúncio:

«Roga-se ao cavalheiro que levou a minha mulher o favor de mandar buscar a minha sogra para não ficar com a obra incompleta».

— E porque é essa mania de queres casar com um homem loiro?

— É para dizer com os reposteiros do quarto que são amarelos.

— A minha vida familiar é um verdadeiro inferno. A mulher berra, a sogra descompõe-me, os cunhados insultam-me, a creada refila e o cão ladra-me.

— Sempre ha-de haver alguém lá em casa que não te diga nada...

— Há, os peixinhos encarnados.

— O papagaio que mandei embalsamar ficou tão mal arranjado, que lhe está a cair a pena.

— Isso é porque é o tempo da muda.

A mulher — Tu nunca fizeste nada para salvar alguém duma desgraça?

O marido — Casei contigo.

Entre amigas:

— Não, minha amiga, é a quarta vez que enviuvo. Agora é que não volto a casar.

— Experimente mais uma vez; talvez mude a sorte.

"TEATRO DE OUTROS TEMPOS"

Como decorreu uma representação da tragédia "D. Inês de Castro" no Convento de Alcobaça

ISTO de gostar de teatro, não era privilégio do povo e da nobreza. O clero amava-o também, e as representações conventuais eram menos raras do que possa supôr-se. Clérigo que viesse da cõrte de requerer, frade visitador que de lá voltasse traziam muita vez consigo a mania dramática. As educandas e noviças nos mosteiros de freiras levavam para lá o gôsto e o apetite das representações profanas e misturavam-nas com as divinas, achando assim consoladora desculpa para o paganismo dos abadesados e das vésperas festejadas dos santos da Ordem. Outras vezes essa corda dramática vibrava após locubrações onde a tradição dos *mistérios* medievos ou das representações escolásticas, intervinha com a fatalidade dos atavismos.

Em Maíra nos bons tempos do senhor D. João VI, os frades armavam estrados, entremendo tragédias e comédias com o cantochão tão do agrado do rei.

Di-lo a duquesa de Abrantes com o malicioso informe da celebração de saturnais, na Quaresma, feitas pelos monges de verdes anos, quando lá fazia retiro a atribiliária e extravagante consorte do Rei-Clemente.

Há referências escritas de muitos espectáculos teatrais em claustros e abóbadas capitulares. Os Bernardos deliravam por comédias e tragédias. No convento da Batalha, em Janeiro de 1743, por exemplo, houve-as que farte.

Os Bernardos, com o serem apodados pelos seus dislates tradicionais e tornados editores responsáveis de todas as parvoíces fradescas, nisto de Teatro levavam as lampas aos beneditinos de Rendufe e de Tibães, e excederam-se a todos no imaginoso pitoresco das suas representações. Gostavam de receber de pompear a sua fartura de mesa sem se aperceberem da sua pouquidade de espírito.

O que levasse uma carta para o Dom Abade Geral, Esmoler-mór e Senhor de trese vilas, estava certo de ser tratado como um cardeal pela comunidade. Davam-lhe ceias e jantares que nem os de Luculo, proporcionavam-lhe passeios, concediam-lhe o seu pitoresco de conversadores e, ainda por cima, de quando em quando, davam-lhe um espectáculo teatral. A hospedaria dos Cistercienses era um verdadeiro *Palace* do seu tempo. Não havia melhor em Portugal.

Os viajeiros mal se lhes abria o portão ficavam logo deslumbrados com a vastidão da cavaliária, com a elegância palaciana dos móveis da sala de recepção, para onde abriam os quartos onde tantos degredados políticos dormiram durante as lutas do princípio do século passado, e até com as magníficas camas afofadas de rendas.

Depois, a visita ao convento, a peregrinação, pelos monumentais corredores, até à cozinha atravessada por um regato onde se estadeava o famoso caldeiro de

cobre, no vasto refeitório, templo de sacrificios constantes, à enorme biblioteca cuja porta esteve sete anos fechada por não aparecer a chave, que foi afinal encontrada na sepultura de um irmão bibliotecário que morrera(!!!), o passeio até à famosa coelharía — a melhor da Europa — à cêrca, aos pomares e aos jardins, tudo eram encantos para os viajantes.

A visita feita, em 1824, ao convento, pelo marquês de Fronteira, que lá se hos-



Matos Sequeira

pedou, dá pormenores deliciosos da hospitalidade dos frades e da sua encantadora incultura. O Dom Abade, de então, mantendo o tradicionalismo anedótico dos Bernardos, e no seu traje teatral, com a bõlsa escarlate de esmoler-mór por cima do hábito branco, prosapiando entender de genealogias, ia ensandecendo o hóspede confundindo-lhe a filiação, e, preleccionando sôbre política, teimava que o fim da guerra da Rússia era encontrar-se um caminho por terra, de Moscovo até Londres.

Os frades que nas soroadas jogavam o gamão, o voltarete e as damas, colaboravam nas bernardices clássicas. Um deles brindou a uma avó do nobre hóspede, lamentando que ela tivesse sido estéril. E como o marquês lhe observasse que a prova do contrário era êle estar ali, o religioso, obtemperou:

— *Isso foi negócio do acaso!*

Foi por estas e por outras que a chave da biblioteca esteve sete anos enterrada.

O marquês de Fronteira escapou de assistir a um espectáculo teatral. Do mesmo se não pôde gabar, e ainda bem, o elegante e

espirituoso William Beckford que, no final do século XVIII, foi também hóspede dos cistercienses. O que êle infelizmente não viu, para nos contar, foi a folia de um Entrudo fradêsco em dia de eleição abacial, quando os criados do convento se mascaravam de frades e um de D. Abade, com báculo e esmoleira, e vinham visitar o eleito para lhe fazerem, com autorizado atrevimento, a mais endiabrada assuada de ditos e de críticas.

Beckford, que não se cansa de vincar a gula fradesca, excitada pela "omoteia á Provençal" e pela "Macedónia", criações do cozinheiro Simão que o acompanhava na visita ao Mosteiro, quando, após o estupendo banquete servido à sua chegada da Batalha, passou à sala onde lhe estava preparado um serviço de frutas e de doces, o mistério de certos segredos, acenos de cabeça e gestos precitados avisou-o de que qualquer coisa de estranho e grave se iria passar.

Os frades pitadeavam, remoendo em silêncio os restos do repasto fabuloso, e Beckford observava-os de esquelha, quando um diabo alma, alto e anguloso, de rosto macilento por vigílias literárias onde avultava um nariz dantesco, trajado à cortezã, avançou para o hemicycle de tonsurados que se formara e, desenrolando um rôlo de pergaminho, o expôs ao pasmo dos olhos da assistência.

Em letras, a oiro e vermelho, pintadas por algum frade — novo avatar de iluminador medievo — lia-se isto e revelava-se a surpresa:

«Esta noite, pela graça de Deus, e especial permissão do D. Abade Geral, Esmoler-Mór, Senhor dos Coutos e trese vilas, Fronteiro-mór, Senhor Donatário, etc., etc., será representada a cruciante tragédia de D. Inês de Castro e o cruel assassinaco daquela adorável senhora e de seus inocentes filhos. Será representada no palco. O papel de D. Inês e feito pelo sr. Agostinho José».

Beckford ficou estarrecido. ¿Então os inocentes infantes também eram mortos? ¿Eles que saíram vivos na História? ¿Não bastaria a morte da adorável senhora?

O D. Abade, explicou-se.

Era certo que os infantes tinham escapado ao morticínio, mas o autor, que era um italiano poeta, pedira-lhe para os matar na peça, e êle acedera para não prejudicar-se o lanço teatral. Apenas não consentiria que fôsse a própria *miseria e mesquinha* que os imolasse. O poeta-autor não se consolaria se o escrúpulo do D. Abade fôsse mais longe. Houve que fazer-lhe a vontade, tanto mais que âle estava empenhado num projecto de matar, sucesivamente, em cena, várias personagens históricas.

E o Dom Abade que entendia que os poetas — que eram todos doidos acabados — não se deviam contrariar, consentira na morte dos pequenos.

Beckford, não teve remédio senão dar-se por convencido. O Dom Prior de Avis que o acompanhava é que se negou a assistir à sangueira teatral e sumiu-se, com alguns do mesmo parecer, na profundidade dos corredores conventuais, para local onde os gritos não chegassem.

O teatro, armado numa vasta sala abobada num dos extremos da clausura, na parte reservada aos estudantes e noviços, onde um órgão punha uma nota pouco profana, estava já cheia de monges, mais de cem, sentados em filas, uns pitadeando tabaco moído, outros limpando os óculos enormes de atilhos de coiro e aros de tartaruga, outros confidenciando a sua entusiástica expectativa ou aproveitando a espera para correr entre os dedos sujos as camândulas dos rosários, grossas como bugalhos. Os noviços não tinham entrada no teatro e recreavam-se a tocar "berimbau" pelos corredores.

Ao fundo da sala ficava o palco, cerrado por um cortinado verde decorado com as insígnias heráldicas de São Bernardo. Beckford sentou-se num dos três cadeirões isolados que ficam a meio da quadra ladeada por bancadas compridas que serviam de plateia.

La começar o espectáculo, a *cruciante tragédia de D. Inês de Castro*, e os cruéis assassínios subsequentes. Cheirava intensamente a falta de asseio. O grão-prior de S. Vicente deu pelo incómodo do visitante e, acabada uma enfiada de segredos, entravam a queimar-se, em perfumadores, as mais escolhidas plantas aromáticas.

Era tempo. A orquestra principiava — uma orquestra horrível de rabecas, bандolins e flautas. Passada uma pausa consumida, sem resultado, a tentar convencer o sr. Agostinho José a não levar arrecadas nem um escandaloso vestido de caudá, e a aturar-lhe um ataque de nervos, mais próprio da linda Inês do que do trangalhadaças que interpretava a personagem, a cortina verde correu. A voz patética da vítima do Pacheco, do Coelho e do Gonçalves, que o D. Abade dizia estar velada, rebôou pelas abóbadas do teatro.

O sr. Agostinho José urrava como um *Lopo Barriga*, de assustar moirinhos.

D. Afonso IV era invectivado:

— *Cru... el! Cru... el!*

E centos de versos vomitavam-se em cachão entre esgares medonhos. O actor conseguira enternecer os monges arrancando das arcadas do peito rugidos de leôa.

O autor, que pontava a peça, viu-se obrigado a atirar o caderno para o lado e a increpar a assistência:

— *Que vos parece isto?*

— *Hão de morrer.*

E deixa a cena, a largas passadas, para ir até os bastidores repetir a atrás sentença, reproduzida, ainda, por um monge que fazia maravilhosamente de *Eco*. A comoção entrou, então, no auditório movendo as lágrimas e perturbando as digestões. Estas vingaram-se da afronta trazendo rumores estomacais à flor das bocas fradescas.

Se o quarto acto não conseguiu levar mais longe a comoção, o quinto atingiu o paroxismo do terror.

Os infantes são perseguidos pelos assassinos, fogem, escondem-se, imploram piedade, e, enquanto a maioria dos cistercienses se põe em pé alongando os pescoços refogados, tremendo de comoção, as crianças são degoladas, e o sangue dum pombo salpica o estrado, para dar mais realidade a fereza do Herodes medieval. Entra *Inês*, vê os filhos mortos, berra que nem uma possessa, impreca o sogro, invectiva os Astros, mas felizmente o punhal vingador cortou-lhe a loquela tenebrosa.

D. Afonso IV entra. É o fim. Vê os três cadáveres e diz:

— *Estou satisfeito.*

E a cortina verde cerra-se.

Como se isto não bastasse, o autor larga a cadeira de "ponto" e vem recitar o epílogo ainda. Quasi ninguém o devia ouvir. O pensamento da assistência estava todo nas vítimas, principalmente os meninos que representaram melhor do que ninguém, pelo medo que realmente tiveram dos frades que interpretaram os três fidalgos-carrascos.

O delírio das ovações durou larga meia hora. O Dom Abade Geral, abraçou Inês de Castro que ressuscitara para os aplausos; o D. Prior-mór de S. Vicente chorou como uma Madalena;

Beckford fingiu, como pôde, que estava muito comovido, e o autor, beijado pelos monges e presenteado com uma bôlas de cordão bem recheada, foi convidado para ceiar em companhia do famoso Agostinho José. A ceia valeu por uma coroa de louros para premiar o talento de uns e a paciência de outros.

Deus os tenha em eterno descanso.

Foi assim que a *cruciante tragédia* "daquela adorável senhora", foi representada em Alcobça.

Matos Sequeira.

(Do livro *Teatro de outros tempos*)



A representação da «D. Inês de Castro» no Convento de Alcobça

(Desenho de Alberto de Sousa)

O Dom Abade disse, aprovando:

— *É boa.*

E logo a comunidade repetiu, como num eco:

— *É boa... É boa.*

O sr. Agostinho José entusiasmado com o êxito, gritou ainda mais, atirando a voz para o recessos das abóbadas.

Foi uma tragédia verdadeira.

Os segundo e terceiro actos, menos violentos, continuaram a interessar a assistência. Afonso IV, sem se comover com os *pombos* (como o autor chamava aos infantes), declarava cavernosamente:

No programa de um dos melhores cinemas de Lisboa, exibiu-se ha pouco tempo um documentário no qual figuravam aspectos da inauguração dos Jogos Olímpicos de Los Angeles e de algumas provas dos campeonatos de atletismo.

A filmagem, feita com oportunidade e conhecimento de causa, permitia aos espectadores seguir de maneira perfeita algumas corridas, apreciando a luta travada na pista e colhendo pormenores técnicos interessantes.

Ignoro se os atletas portugueses que não são habituais frequentadores do cinema, tiveram conhecimento desta exibição; aqueles que a não presenciaram, perderam uns minutos de regalo desportivo que, apesar de curtos, compensavam bem a mediocridade do restante espectáculo. Para esses vão estas breves impressões críticas.

* * *

A aldeia olimpica, vista de um avião, mostra-nos perfeitamente a largueza com que foi construída, espalhando suas barracas, tôdas eguaes, ao largo de avenidas que bordejam largos espaços ajardinados.

O panorama deixa nos a impressão de um local calmo e repousante, longe do bulício da cidade, cujas primeiras casas se apercebem no limite do horizonte.

O aspecto do Estádio impõe-se de maneira diferente, magestoso na sua grandeza, estonteante pela multidão que em suas bancadas se acumula.

Quando a tela refletia a montanha imensa de gente que, degrau a degrau, ascende desde a

arêna ao cimo das tribunas, sentimo-nos perdidos naquele formiguelo incontável e impõe-se-nos um sentimento de respeito por uma manifestação de actividade, — o desporto —, que consegue atrair tamanha

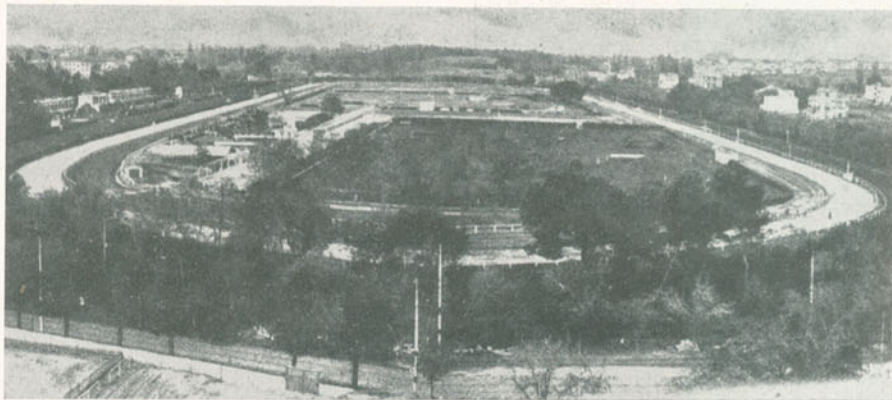
afluência humana. Todo aquele povo vibra e comunga nas peripécias da competição, e, nos momentos mais emocionantes, os espectadores erguem-se em massa, numa ondulação progressiva, varrendo o Estádio de extremo a extremo, e que lembra o ondular de um trigal maduro quando sopra mais rija a brisa da tarde.

* * *

O operador proporciona-nos duas magnificas finais, que podemos seguir de principio a fim pela forma judiciosa como foram fotografadas. A máquina foi colocada em frente da meta, mas no alto da bancada, dando-nos uma visão de conjunto absolutamente precisa.

deSPORTS

OS FACTOS DA QUINZENA



O formoso hipódromo madrileno que está sendo demolido pela municipalidade

Os 400 metros barreiras conseguem emocionar-nos como se fôramos um espectador de Los Angeles. Seis homens, ajoelhados em linha escalonada sobre o anel negro da pista, abalam simultaneamente à conquista da glória, aclamados por milhares de vozes que lhes amparam o esforço num frenesi comunicativo.

A máquina vai acompanhando os homens no seu percurso circular, o que nos permite seguir a competição barreira a barreira. Os primeiros saltos são simultâneos, mas logo se destacam os futuros vencedores, Tisdall claramente primeiro e o homem da corda, que é o sueco Areskong, bom último.

Intercalada na sequência normal da prova, apresentam-nos com retardador, a passagem de um obstáculo, sem relêvo extraordinário e tendo-me deixado como única impressão que o se-



O avanço de Tisdall ao transpôr a última barreira, e ao cortar a meta

gundo homem, Facelli, lançava a perna da frente um tanto flectida para dentro, o que não corresponde a grande pureza de estilo.

Depois, novamente o aspecto geral da cor-

rida na sua parte final, empolgante. Tisdall passa a última barreira com uns três metros de avanço, mas derruba-a com o pé da frente; não é exacto que tenha tropeçado em desequilíbrio, como disseram alguns críticos, pois continuou a corrida sem alteração de ritmo. Nas três pistas exteriores veem em pelotão os homens que se lhe seguem, sendo Taylor (quarta pista) o segundo a saltar, depois Hardin (última pista) e quasi a par lord Burghley.

Nos metros planos finais vemos este grupo ganhar nitidamente terreno sobre o leader e confesso que o ardôr da luta me conquistou o espírito como se estivesse frente à verdade. Tisdall corta a meta com menos de um metro sobre Hardin, Taylor quasi na mesma linha e Burghley mais atrazado.

A figura do vencedor, logo após a prova, apresentada em primeiro plano, dá a nítida impressão da fadiga; a aceleração respiratória é tão intensa que a custo murmura algumas palavras ininteligíveis.

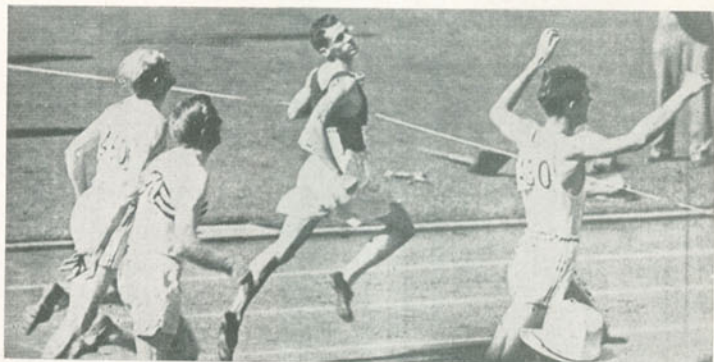
* * *

Dois concursos: o salto à vara e o lançamento do dardo, masculino e feminino.

No salto à vara apresentam-nos o americano Miller, vencedor e o japonês Nishida, segundo classificado. A rapidez de projecção não permite análises, mas recordamos, no salto do japonês, a forma como vergou a vara ao arrancá-lo do solo, prova talvez de um esforço de braços prematuro que a dificuldade com que transpõe a barra justifica depois. Magníficos, os golpes de rins finais para conseguir a torsão do tronco em pino sobre a vara.

No lançamento do dardo seguimos uma tentativa do «recordman» Jarvinen, tomada com retardador. Numa só visão é impossível detalhar técnicas, a não ser por conhecimentos indirectos. Seria curioso conseguir estes bocados de filme e projectá-los em sessão especial o número de vezes necessário para seu completo estudo.

Notámos que a corrida de Jarvinen é toda em *souplesse*, passos muito saltados, sendo admirável a forma como trava o andamento após projecção do dardo; mudança brusca do pé direito para a frente, a perna esquerda fa-





Um belo salto em altura, executado por um cego

zendo balanceiro em sentido contrário e o corpo fortemente inclinado para diante.

Nos outros lançamentos, apresentados em rapidez normal, nada se pode vêr de preciso, sendo curiosa a deslocação da objectiva acompanhando a trajectória do dardo, desde que parte das mãos do atleta até se cravar, vibrando, no solo do Estádio.

Didrikson, a vencedora desta prova, é-nos



Didrikson, vencedora de duas provas olímpicas, tem um aspecto masculino

apresentada em *gros plan*: parece-nos um homem, na dureza dos traços, na pouca feminilidade das linhas.

Final dos 100 metros: a partida em velocidade normal, e a chegada com retardador, mas tomada de longe e de maneira que mal se vêem os dois concorrentes exteriores: Tolan e Jonath.

A abalada é magnífica, absolutamente simultânea, mas a partir do terceiro passo vê-se com

impossíveis: como disse, a apresentação é distante e demasiado breve.

O documentário, após nos haver mostrado na totalidade a corrida dos oitenta metros barreiras, feminina, que à distancia a que é vista e pela perfeição de estilo das concorrentes pode supôr-se masculina, brinda-nos com a final dos 400 metros planos, a corrida mais formidável dos Jogos.

Os homens partem como para uns duzentos metros e percorrem quatrocentos! O duelo Eastman-Carr, pistas 2 e 1, é apresentado de maneira impressionante, que mais nos arrebatava sabendo que aquêles homens estão batendo o mais difícil dos records do mundo.

A cinquenta metros da meta os adversários estão a par, mas Eastman começa a desmanchar-se, acusa maior esforço, e Carr passa e triunfa por uns dois metros; o terceiro vem atrazado uns bons oito metros.

O estilo final dos dois americanos é característico, no exagerado balouçar dos braços, na segura dos gestos, no elevar do Joelho.

Nas tribunas tôda a assistência está de pé, aplaudindo, chamando, numa trovoada reboante que nos incita a gritar também, erguidos da cadeira, na empolgante beleza da luta atlética, do esforço daquêles homens que simbolizam uma raça e o triunfo de uma idéa.

Em Berlim realizou-se ultimamente uma manifestação desportiva invulgar. Todos os concorrentes eram cegos e, homens ou mulheres, conseguiram triunfar de maneira surpreendente das dificuldades enormes que para êles representavam as corridas, saltos e lançamentos do programa atlético que disputaram.

Um dos atletas cegos transpoz em altura 1^m,50 e um outro alcançou 5 metros em comprimento;

tôda a clareza como se destaca o japonês Yoshioka, que corre à corda, do lado de onde é tomada a fotografia. A sua embalagem, quando se assentua, faz parecer que os competidores pararam.

A visão da chegada é pouco clara; os homens estão a dois passos da meta e Tolan desaparece do campo visual mal toca o fio que é nitidamente levado pelo peito de Metcalfe, o que condiz com a observação conhecida de que êste logo após a meta, tomou a cabeça do pelotão. Observações de estilo

o vencedor dos cem metros cobriu a distância em 13^s.

Para saltar em altura o cego aproximava-se da barra e media-a com a mão, saltando depois com absoluta segurança; o mesmo acontecia no salto em comprimento para o qual o saltador vinha préviamente apalpar a tábua de chamada, recuando depois um número certo de passos que lhe garantia a certeza na corrida preparatória. Êstes cegos podem servir de exemplo a quasi todos os nossos especialistas.

* * *

Não é unicamente em Lisboa que as necessidades urbanas lançam a picareta e o camartelo contra as instalações desportivas. Chegamos de Madrid notícias de haver começado a destruição do magnífico hipodromo da Castelhana em virtude da resolução camararia de dar immediato começo às obras, há muito projectadas, de prolongar o passeio da Castelhana. Desaparece assim um dos mais formosos recintos da capital visinha, ligado a um importante passado de actividade desportiva, mas não por isso sofrerá prejuizo a prática regular do hipismo e corridas de cavalos. Simultaneamente com o inicio das obras de demolição do velho hipodromo



Um cego, antes de saltar em comprimento vem certificar-se do local da chamada

da Castelhana, começam as de construção de uma nova pista nos terrenos extremos do parque do Pardo, certamente dotada de mais modernas e mais vastas instalações.

Salazar Carreira.



Uma mulher, privada de vista, lança-se com decisão para um salto

VIDA FEMININA

TENHO notado que há em tôda a gente a tendência para ter uma falsa noção do que é ser "uma mulher moderna". Esta tendência não se nota só nos homens. Muitas senhoras têm também uma noção errada, e não são só as pessoas vulgares que assim pensam. Li ainda há pouco um artigo de um talentoso homem de letras sobre a menina do século XX que me admirou e deixou pensativa. Eu tenho a impressão que em tôdas as épocas deve ter havido a mesma crítica e a mesma incompreensão, porque destrambelhadas de nervos e mulheres que gostam de dar nas vistas houve, e, haverá sempre, em maior ou menor número. Mas a mulher moderna não é na minha opinião, a mulher que fuma, que flirta, que vive ociosa, dando nas vistas e provocando a opinião pública por tôdas as formas e feitios. Essa mulher que muitas vezes passa por aquilo que não é, e, que em vez de com isso se desgostar, ri satisfeita de ter chamado a atenção sobre si, é uma desequilibrada que deve ter existido sempre. A mulher moderna é na minha fraca opinião, aquela que tendo uma cultura profunda, trabalha e que é honesta, que não precisa para viver de certos auxílios suspeitos. Que quando casa, o faz porque gosta do homem a quem vai ligar o seu destino e vê nêle, não um amparo apenas, um emprêgo, mas sim um companheiro, um amigo por quem está pronta a fazer todos os sacrificios. A mulher moderna, é aquela que a-pesar

de ter muitas vezes um curso ou um emprêgo, se ocupa com a maior dedicação da sua casa, e, que não desdenha de fazer os seus vestidos e os de seus filhos, tendo ainda tempo para enfeitar a sua casa com os seus trabalhos ou lêr um bom livro que interesse o seu espírito aberto a tôdas as ideias. Para mim êsse é o tipo da mulher moderna. Naturalmente que essa mulher não vive apenas a frequentar chás, bailes e teatros, o seu tempo precioso é empregado com muito mais utilidade, e, isso faz com que tôdas conheçam mais a mulher de quem primeiro falamos e que erradamente se generalize, chamando mulher moderna, à mulher frívola, de sociedade, que existiu sempre e que assume sempre as altitudes que a moda lhe impõe. Pálida e olheirenta, sempre apaixonada em 1820, de perna traçada e "cigarette" na boca em 1933. Mas felizmente há outro gênero de mulheres, como há também no século XX meninas, que não falam só em calão cosmopolita, fumando e fazendo desporto. Há meninas nesta época muito interessantes e de muito valôr. Tenho notado últimamente, que tenho convivido mais com gente moça, que a nova geração dá esperanças num renovamento da sociedade, tanto rapazes como raparigas, quando inteligentes e cultos e bem educados, têm o desejo de moralização, de saneamento moral chamemos-lhe assim, que nos faz ter fé num futuro melhor. A menina do século XX prepara-se para a vida estudando seriamente, e, com o maior afinco, ocupa-se da casa e procura ocupar a sua vida em obras de caridade ou interesse colectivo, a que dedica muitas horas, que dantes se perdiam a sonhar. Naturalmente que a maior parte destas meninas, filhas de mulheres modernas, inteligentes, sérias, ocupadas com a educação das suas filhas, não são conkecidas, como as que se

interpreta mal a sua época. A verdadeira menina do século XX é aquela que educada nos são princípios da moral e da religião, sabe dedicar a sua vida a estudos profundos e se ocupa de obras interessantes, preparando-se para ser um valor na sociedade onde poderá ser útil, pelo seu saber, pela sua compreensão e pela sua dedicação. Habituada a estudar e a trabalhar ela saberá aproveitar tôdas as horas da sua vida com utilidade e nas horas de distração

saberá ser simpaticamente alegre aproveitando-as com satisfação. O meu conhecimento, agora melhor, da gente que vai aparecer, traz-me uma maior confiança no futuro e como grande fé na mocidade do século XX que não é "blasée" como a que precedeu.

Maria de Eça.

A Moda

A Moda, cada vez mais requintada, hoje, mais do que nunca, satisfaz o espírito da mulher, pela sua infinita variedade. Variedade de cores, de feitios, de guarnições. Modelos sempre novos e uma completa modificação da «silhouette» feminina, que torna bem diferente a mulher de hoje da mulher de há dois anos. A cintura no seu lugar, o busto erigido pelos tecidos, os ombros alargados pelas mangas, a mulher é bem diferente e bem mais feminina a sua elegância. Sabendo quanto são interessantes as novidades, damos hoje um interessante conjunto para passeio ou para chá. É um modelo Molineux, e dizendo isto às nossas leitoras é leitoras, é já dizer-lhes muito. Um casaco em pano preto brilhante, guarnecido a pele de raposa «beije», muito pálido e, completa o todo, um lindo regalo na mesma pele. Estão muito em moda estas peles claras, que dão uma nota luminosa nas «toilettes» escuras. As mangas não são até abaixo; as luvas são «beije, da côr do vestido, que é usado por baixo do casaco, o que torna este vestuário um poema de bom gosto. Chapéu em veludo preto.



ILUSTRAÇÃO

Para uma saída simples para o «footing», de manhã, um vestido de lã «beije», com um casaco de lã grossa num tom mais carregado e guarnecido com uma pequena gola em lontra, castanho escura. Um gracioso feltro castanho, guarnecido com uma pequena fantasia em penas «beije», completa este simples, mas elegantíssimo traje, encantador de simplicidade. Para a noite, dois vestidos cada qual no seu género. Um, em veludo preto, num corte de idade média, que dá um gracioso ar de castelã à graciosa rapariga que o usa. Uma pequena capa de veludo preto, em forma de romeira e segura em volta do pescoço por uma grinalda de gardenias brancas, que dão um ar de frescura e leveza e tira a esta «toilette» o aspecto pesado que o veludo preto poderá dar. A outra, «toilette de noite», é um lindo vestido de um corte moderníssimo, moldando completamente o corpo, em «crepe marrocaïn» em riscas estreitinhas de todos os tons do azul, desde o mais pálido ao mais escuro. Dá um sombreado do mais belo efeito este «degradé» de tons e um extraordinário brilhantismo à beleza da loirinha que se vê com ele.

Para uma senhora morena, será preferível o mesmo tecido em vários tons de rosa, desde o mais pálido ao coral vivo, pois que dá um efeito igualmente bonito e mais favorável ao tom da pele.

É preciso não esquecer nunca que o triunfo de uma «toilette» não está só na sua beleza e elegância, mas também na forma como fica à pessoa que a usa. É este um dos grandes segredos da elegância, que mulher nenhuma deve esquecer.

Civilidade

Um manual de civilidade publicado em 1766 fornece-nos curiosas indicações sobre o modo de melhor estar à mesa, e, que devia ser usado pelas pessoas bem educadas. «Limpa sempre a vossa colher depois de a ter usado, quando quizerdes servir-vos de qualquer outro prato. Cuidado em não fazer sopas no prato e não molhar a nossa carne na molheira. Não deveis oferecer aos outros aquilo que já provaste e tende sempre como regra geral, que o que uma vez esteve no vosso prato não deve ser posto de novo na travessa». Na corte do Grande Rei era-se mais delicado e estava recomendado lavar as mãos em presença dos outros, antes de ir para a mesa, ainda que não fôsse preciso, para que os que com eles metessem a mão na travessa, não pudessem duvidar de que estivessem limpas. Subindo até aos fins do século XVI aos tempos de Henrique IV encontramos a etiqueta das refeições menos severa. Era admitido molhar na travessa comum o pedaço de carne, que cada um escolheu. «Se os outros

molhassem o seu pão, pode-se sem faltar à delicadesa fazer o mesmo». «Se na escudela há uma colher, pode usar-se para provar, mas não a tornar a pôr no seu lugar sem a limpar à toalha». Explica-se assim o antigo uso dos donos da casa, juntarem os convidados que se conhecem e entre si simpatizam.

Higiene e beleza

A mulher varia continuamente, e depois de se torrar ao sol, no verão, e tornar-se quasi tão negra como as ninfas do sertão, em chegando ao inverno quer de novo ser branca e tem um trabalho infinito para tornar outra vez branca a sua pele ou se ela assim não era para a branquear.

Aí fica uma receita para branquear: Passa-se na pele um algodão molhado em água oxigenada, leite e sumo de limão, em partes iguais. Em seguida, aplica-se a seguinte loção: Leite de amêndoa, 200 gramas; Benjoim, 15 gramas; Água de rosas, 100 gramas; Essência de rosas, 2 gotas.

Em pouco tempo a pele volta à sua passada branquidão e deslumbrante assetinado. As senhoras de pele gorda não devem usar cremes nem pomadas. As de pele seca devem pôr um pouco de creme antes de

pôr o pó de arroz e o «rouge». Para os lábios, não escolher um «baton» muito vivo, porque desfeia em vez de embelezar. Para usar «maquillage», é preciso um grande tacto, para não exagerar o que desfeia.

As bonecas

Um colaborador do «Matin» faz um estudo sobre as bonecas através dos séculos, fazendo notar o longo trajeto, que têm percorrido as pequenas personagens de terracota, de marfim, de metal, de pelica e de trapo. Havia bonecas nos sarcófagos do Egipto e havia-as em bronze em Jello dois mil e quinhentos anos antes de Jesus Cristo, e na residência do rei Achemenes em Suza. A Grécia deixou-nos graciosos modelos, encontrados em Milo, em Cirene e na Ilha de Creta. Em Tanagre as pequenas estátuas burlescas alternavam com as figuras de jovens, que brincam e dançam. Plínio escreve que viu na Ellada no templo de Deus Olímpico, uma caminha de boneca, que tinha pertencido a Ipodamia, Plu-

tarco fala com melancolia na boneca de uma sua filha morta. Na Roma antiga encontraram-se bonecas, que não são menos finas e menos delicadas, do que as gregas. Plínio escreveu sobre os fabricantes célebres, entre outros, o famoso Callistrato que esculpia em marfim. Depois a boneca reapareceu na Idade-Média, depois de um período pouco conhecido o que liga a civilização galo-romana, ao século XII. Houve a guerra dos cem anos época em que não se pensou em brinquedos para as crianças. Mas sabe-se que o rei Carlos XII comprou para sua filha Madalena uma boneca em Paris, que representava uma donzela a cavalo. Nas contas pessoais de Carlos V figuram dez francos para bonecas, de sua filha Margarina. Nas despesas particulares de Henrique II, no ano do cerco de Bolonha, está mencionada a compra de seis bonecas, e, o inventário de Catarina de Medicis revela que ela possuía 16 bonecas, oito das quais vestidas de luto, dizem os detratores dessa rainha, que se servia delas para efeitos de bruxaria. Mas de rainhas a subditas as bonecas foram aumentando e chegaram aos nossos dias numa verdadeira perfeição. As bonecas Lenci de uma tão graciosa expressão, verdadeira miniatura das crianças de hoje, não encantam só os bebês, os grandes admiram-nas e apreciam-nas como elas merecem, e ha casas, que o espírito infantil de suas donas, tornam numa verdadeira loja de bonecas, tornando-as senhoras das salas onde ocupam todas as cadeiras e «divans».

Pensamentos

Os espíritos profundos apreciam a solidão; é um sintoma de deficiência intelectual o não saber entreter-se a si próprio.

« O coração segue facilmente o espírito.

Entre amigos não deve haver zangas sérias; se as há, é porque a amizade não é grande.

(LA FONTAINE).



O inventor das ligas

QUEM havia dizer que foi Kant, o célebre filósofo alemão, o inventor das ligas suspensas do espartilho, que usam agora as senhoras elegantes. Ele inventou-as para seu uso pessoal, sem pensar nunca, que viessem a ser adotadas pelo belo sexo. No seu tempo os homens usavam calção e as meias altas de sêda. Kant como todos os outros usava as ligas vulgares, que lhe faziam muito mal, prejudicando-lhe a circulação do sangue. O inteligente filósofo, que não estava para se sacrificar por uma moda absurda, imaginou dois elásticos com uma mola, que se cosiam no coz dos calções. Muitos seguiram essa invenção, mas o que ele nunca imaginou, foi que tinha inventado uma moda que seria utilizada pelo sexo feminino, tanto tempo depois, e que as mulheres lhe deviam o grande favor de trazer as meias bem esticadas, sem prejudicar a saúde com as ligas apertadas, que causam varises e outros males.

Os banhos no Japão

Os japoneses consideram como uma necessidade o banho matinal antes do primeiro almoço. Habitados a uma temperatura, que os europeus não podem suportar — vacila entre 40 a 50 graus — usam a água assim quente para lutar no verão contra o calor e no inverno contra o frio. O japonês apenas se demora na banheira, uns minutos, o bastante para levantar a temperatura do corpo. Sai desta breve imersão vermelho e suado, depois fricciona-se com uma pequena esponja embebida em água tépida ou fria. Para ter um bom repouso durante a noite faz muitas vezes o banho, imediatamente depois da ceia. Os banhos públicos no Japão, custavam antes da guerra, com a roupa compreendida, pouco mais de um tostão, e tiveram depois um leve aumento, que os torna ainda acessíveis às classes mais pobres, que podem assim dar-se ao luxo de uma perfeita limpeza e de serem menos sensíveis ao frio e ao calor, segundo as estações.

Maneiras de enriquecer

UM jornalista «Yankee» teve a ideia de entrevistar a alguns milionários dos Estados Unidos, sobre o meio mais prático e seguro de fazer fortuna. O senhor Carnegie declarou que, «o essencial é que um homem comece pobre. As responsabilidades de um rapaz pobre, fazem desenvolver tôdas as suas faculdades». Edison disse: Basta que nos sentemos e olhemos para o primeiro objecto que se oferece à nossa vista. Quem não souber tirar partido dêle, não tem um átomo de inteligência».

O senhor Lage riquíssimo financeiro de Nova York afirma que: «Quási toda a gente pode ganhar um dolar, mas só o homem prudente sabe como economisar um dolar».

Pillsbury exprime-se nestes termos: Aconselharei o homem moço que quer enriquecer,

a que mereça o seu salário, não uma vez, mas muitas vezes».

Finalmente o senhor Astor emite o seguinte juízo: «Evitem o rum e o fumo perturbadores do cérebro. Não contraiam dívidas, porque elas aviltam o homem; façam as economias, que puderem e apliquem-nas em propriedades territoriais, as quais proporcionam lucro ao proprietário, quer o tempo esteja bom ou mau. Um outro disse, «basta que estudemos a arte de escamoteação, quer dizer, sejamos transformistas, ficaremos ricos. É uma questão de agilidade apenas.» Mas o que todos esqueceram foi o factor sorte. Há pessoas inteligentes, económicas, que não bebem que não fumam, que trabalham por dez, que fazem todas as diligências, para ganhar e economisar o dólar, e, que nunca chegam a ter nada.

A força de vontade é muito, ninguém se deve

com manteiga e levam-se ao forno. Para que fiquem bem é preciso que o assúcar esteja em bom ponto.

De mulher para mulher

Maria S.: Acho muito bem que a sua filha continue os seus estudos, o dia de amanhã é um ponto de interrogação, para todos e a habilitação para trabalhar é uma das melhores, de que mulheres e homens podem dispor. O mundo caminha e é preciso caminhar com êle para não ficar para traz.

Julietta: É mais fácil oferecer um chá do que um jantar, quando se tem pouco pessoal. O melhor é colocar numa mesa no vão de uma janela, tudo o que é necessário para o chá, tendo «samovar» até pode fazer o chá na sala, mas se o não tem à hora do chá a creada traz os bules e a água quente e escusa de tornar a aparecer.

Primaveril: Calculo a sua emoção, um primeiro baile é sempre um grande acontecimento. Faça o vestido branco e os sapatos em setim verde da cor do léque. Deve ficar encantadora.

De um decalogo feminino

UMA mulher italiana publicou, com o pseudónimo de «Annabela», um decalogo para mulheres casadas no «Popolo Toscano». Dêsse decalogo, que diz ela ser dedicado às mulheres italianas, mas podendo também ser usado pelas mulheres de outros países, extraímos os seguintes mandamentos:

1.º — Ama teu marido, mais do que tudo no mundo, e o teu próximo o melhor que puderes; mas lembra-te que a casa é do teu marido e não do próximo.

2.º — Considera o teu marido um hóspede de qualidade e um amigo, e não o trates como a

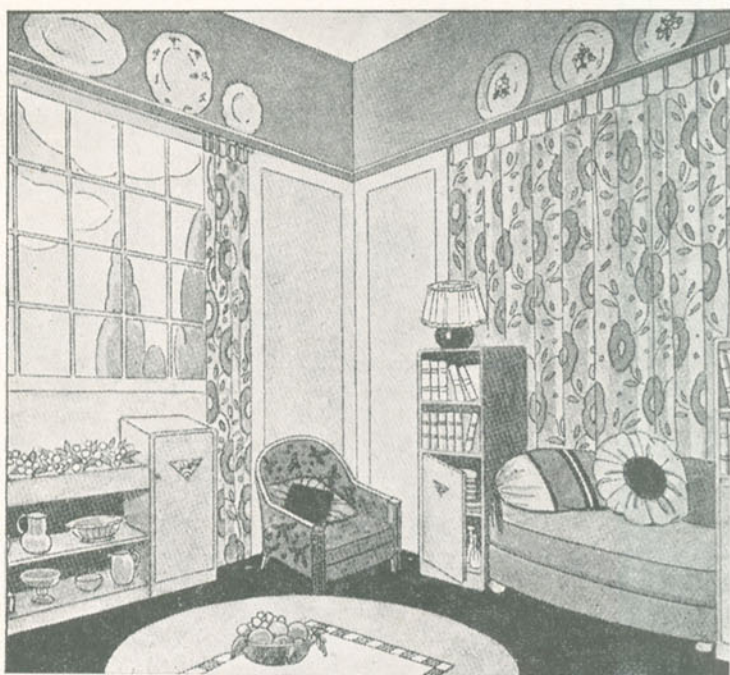
uma amiga a quem se contam os pequenos aborrecimentos.

3.º — Tem sempre a casa em ordem e teu rosto sereno, à sua volta, e não te irrites se êle não repara nisso.

4.º — Não peças o supérfluo para a tua casa, Pede-lhe, se podes, uma casa alegre e um pouco de espaço para as crianças.

5.º — Que os teus filhos estejam sempre limpos e aceiados e tu também.

Os restantes mandamentos não têm interesse de maior. Mas se tôdas as mulheres seguissem à risca êsses mandamentos, a vida seria uma maravilha e dentro de casa haveria a maior harmonia, porque das mulheres depende ela em grandê parte. A mulher cabe uma das mais importantes funções da vida do lar e é necessário que ela nunca o esqueça, porque assim a vida torna-se muito diferente dentro de casa. É preciso que a mulher que casa, que organiza um lar, se convença, que tem de dedicar tôda a sua vida, ao marido e aos filhos. e que as distrações e os divertimentos ficam para sempre em último lugar, embora sejam indispensáveis à vida. Mas o marido vendo essa atitude da mulher, não pode deixar de a estimar e de a respeitar e a sua vida será de uma felicidade sã e completa.



guiar pelo fatalismo, mas a verdade é que há um ditado português, que tem nesta altura o seu lugar bem marcado. «Mais vale quem Deus ajuda, do que quem muito madruga». E assim é na verdade, e, os multimilionários deviam pensar nisto e não supor que só aos seus medidos devem o dinheiro que possuem.

Receitas de cosinha

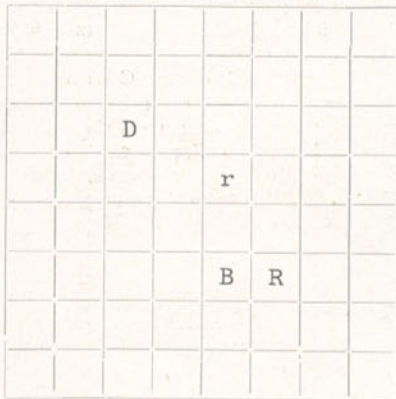
Madalenas: Ovos 400 gramas, Flor de farinha, 400 grama, Assúcar pilé 400 gramas, Manteiga fresca 75 gramas. A raspa de um limão. Batem-se as claras dos ovos no ponto de neve, junta-se-lhes o assúcar, as gemas, o limão, e farinha, e, por último a manteiga derretida. Untam-se as formas com manteiga e polvilham-se com farinha não se devendo encher muito, para que ao subir no forno não se entorne.

Suspiros: Põe-se ao lume uma libra de assúcar com um pouco de água e quando está em ponto, vai-se deitando em 4 gemas de ovos que estarão já batidas como para merengues. Segue-se batendo e junta-se-lhe uma libra de amendoas picadas e raspa de limão. Vai-se deitando às colheres em fôrmas de lata untadas

PIM DE PESTA

XADREZ

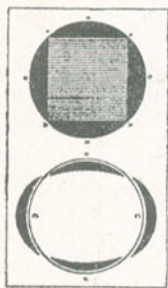
Pretas (letras minúsculas)



Branças (letras maiúsculas)

As brancas jogam e dão mate em seis lances, devendo o Rei preto, quando mate, estar colocado na 4.^a casa da Dama.

DUAS ILUSÕES ÓTICAS



A gravura aqui junta e produz duas ilusões óticas. A primeira é um círculo perfeito que parece achatado nos pontos A, e os arcos do círculo B parecem mais arredondados.

Na segunda figura, o círculo parece ter uma forma oval; a distância CC parece maior que a distância DD.

Um compasso aplicado a ambas as figuras demonstrará que são perfeitamente redondas.

CURIOSIDADES

ESTRADA DE DIAMANTE

Por mais absurdo que pareça, existe muito perto de Kimberley, na África Austral, uma estrada cujo solo contém uma quantidade considerável de pó de diamante.

É o nome que dão aos detritos diamantíferos de todas as espécies provindo das minas.

Esses detritos, atirados em montões fóra dos muros da cidade, foram empregados, há uns trinta anos, no macadame da estrada que liga Kimberley ao terreno de exploração.

O mais interessante é que, tendo rebentado uma greve entre o pessoal das minas, por haver muito sem trabalho, o conselho municipal teve a ideia de repartir em lotes a tal estrada com desocupados, mas com a obrigação de pôrem à sua custa uma nova camada de macadame. Pois bem! Graças ao trabalho desses mineiros e aos novos processos de extração empregados, cada metro da estrada rendeu de 80 a 100 mil francos.

ANEDOTAS

— O que é o amor? — perguntou uma rapariga, numa sala, a um solteirão impenitente, para ver o que êste lhe respondia.

— O amor, definiu êle, é uma espécie de insânia que faz com que um homem chame sua pombinha, a uma mulher que pese perto de cem quilos.

...

— É verdade — dizia, cheia de convicção a D. Luciana — nunca vi família mais habilidosa. O Carlos dança divinamente; o Tomás canta como um anjo; o David joga todos os jogos na perfeição; a Emília tem imensa vocação para o piano; a Suzana pinta com muito gosto...

— E o Henrique?...

— Esse, coitado, é o único que não tem jeito para cousa nenhuma. Serve só para trabalhar, e sustentar os irmãos e as irmãs...

...

Dois velhos queixavam-se mutuamente dos seus numerosos achaques.

— É da gente se desesperar; — diz um dêles — o médico proíbe-me terminantemente o uso do tabaco e de toda a classe de vinhos e licôres.

— Pois faça o mesmo que eu fiz, — responde —lhe o outro queixoso.

— Então, o que fez o senhor?

— Chamei outro médico.

...

Ele — Acha que uma mulher pode casar com um homem mais novo do que ela?

Ela — Isso depende da idade que ela tiver.

...

Chiquinho — Mamã, eu desejava mais doce.

A mãe — Ó Chiquinho! Pois não te tenho dito tanta vez que não deves pedir mais doce?...

Chiquinho — Repare, mamã; eu estou desejando, não estou pedindo.

...

Entre amigas:

Carlota — Ontem foi o dia dos meus anos, e o Jaime deu-me uma rosa por cada um dos que eu fiz...

Ermelinda — Que imenso ramo havia de ser!...

...

Ela — E uma cousa terrível, a divisão na família...

Ele — É quasi tão terrível como a multiplicação.

ESCUSADA RECOMENDAÇÃO



— Não te esqueças, vê lá, que tens de ir hoje ao dentista.

(Do «Punch»)

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
I	M	E	L	H	O	R	A	R	E	S
II	O	V	O		S	I	M	I	L	E
III	N	A	D	A		M	I		E	N
IV	A		O	B	I		G	A	I	O
V	R	E		A	N	D	O		T	
VI	C	R	E	D	O		S	T	O	P
VII	H	I		E	D	A		O		
VIII	I	N		S	O	L		R	U	A
IX	A		E		R	A		T	S	E
X	S	A	L	T	O		G	O	A	

BRIDGE

(Solução)

B joga oiros e A corta, jogando em seguida paus. D faz o Az e joga copas. B pega com o rei e deita em seguida o valete de copas, que B corta, jogando depois o valet de paus, que B corta, trunfando em seguida e completando assim as cinco vasas.



Fiz a forma de decompor a figura dada em seis partes iguais e semelhantes.

PENSAMENTOS

O amor não é um fogo que possa ser fechado dentro duma alma.

Tudo o atrai: a voz, o silêncio, os olhos. E os fôgos mal cobertos brilham mais.

RACINE

A dôr dos outros penetra melhor no coração daqueles que já sofreram.

A. BAZIN

As pessoas felizes não sabem muita coisa da vida: o sofrimento é o grande educador dos homens.

ANATOLE FRANCE

É preciso estar só para lêr a página que se ama.

LACORDAIRE

O bem que fizeres na véspera, fará a tua felicidade de amanhã.

MANTEGAZZA

Quando quizeres estudar o caracter dum homem de valor, procura primeiro a mãe. A sua influência foi preponderante.

PAUL DOUMER.

Passem muitas vezes no caminho que vae para a casa do amigo, porque senão o mato crescerá.

SAINTE-BEUVE.

Saiu a nova edição

CARTAS

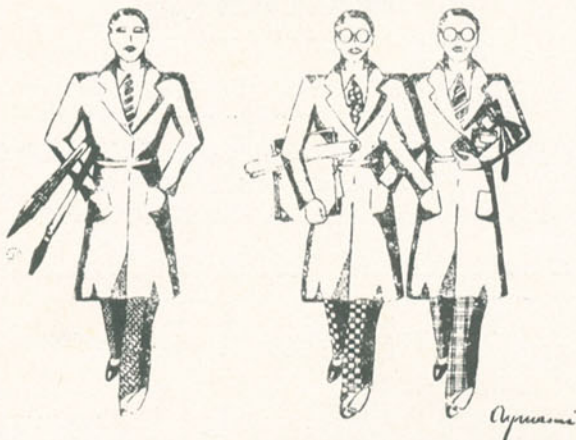
de
ALEXANDRE HERCULANO

2 volumes de 594 páginas, brochado 20\$00
Encadernado. 28\$00

PEDIDOS À
LIVRARIA BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE **BERTRAND**
2 1368 **IRMÃOS, L.** DA
TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

PAULINO FERREIRA

;; ENCADERNADOR - DOURADOR ;;

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074



PIANOS

de cauda e verticais

Steinway & Sons
Blüthner
Rönisch
Förster
Görs & Kallmann
Riese - Hallmann
etc., etc.

AUTOPIANOS
ORGÃOS
HARMONIUNS

SALÃO NEUPARTH

(Valentim de Carvalho)

97, R. Nova do Almada - LISBOA

(CASA FUNDADA EM 1824)

LIVROS
DA
Biblioteca de Instrução Profissional
PARA AS
ESCOLAS INDUSTRIAIS

Algebra Elementar, 1 vol. enc.	15\$00
Aritmética Prática, 1 vol. enc.	15\$00
Desenho Linear Geométrico, 1 vol. enc. .	12\$00
Elementos de Química, 1 vol. enc.	14\$00
Elementos de Mecânica, 1 vol. enc.	12\$00
Elementos de História de Arte, 1 vol. enc.	25\$00
Física Elementar, 1 vol. enc.	14\$00
Geometria Plana e no Espaço, 1 vol. enc.	14\$00
O livro de Português, 1 vol. enc.	12\$00

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

A' venda a 2.^a edição

A BATALHA SEM FIM

ROMANCE

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 volume de 308 páginas, brochado 12\$00
Encadernado 16\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A' venda em todas as boas livrarias

A 2.^a EDIÇÃO DO

TOLEDO

IMPRESSÕES E EVOCAÇÕES

por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

1 volume de 262 páginas, brochado 10\$00
Encadernado 14\$00

Pedidos aos editores **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Grande sucesso literário

2.^a EDIÇÃO

As três mulheres de Sansão

NOVELAS

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 268 págs., brochado 10\$00
encadernado 14\$00

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

COLEÇÃO FAMILIAR

VOLUME
BROCHADO
Esc. 7\$00

P. B.

VOLUME
ENCADERNADO
Esc. 12\$00

Romances morais próprios para senhoras e meninas

Esta coleção, especialmente destinada a senhoras e a meninas, vem preencher uma lacuna há muito sentida no nosso meio literário.

Nela serão incluídas somente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entrecho romântico suggestivo interesse, oferecem também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma, de tudo quanto, numa palavra, deve germinar no espírito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e de seduções, quer, desabrochada em flôr após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãe de família, educadora de filhos e escrínio de virtudes conjugais.

VOLUMES PUBLICADOS:

M. MARYAN

Caminhos da vida. Em volta dum testamento. Pequena rainha. Dívida de honra. Casa de Família. Entre espinhos e Flôres. A estátua velada. O grito da consciência. Romance de uma herdeira. Pedras vivas. A pupila do Coronel. O segredo de um berço.

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias

PEDIDOS A **S. E. PORTUGAL-BRASIL**
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

Manual do Condutor de Automóveis

2.^a EDIÇÃO ACTUALIZADA

Aos condutores de automóveis recomenda-se este manual como imprescindível para a sua educação profissional, pois contém a

Descrição do aparelho motor, motores e seu funcionamento, lubrificação, carburação, alimentação de gasolina, arrefecimento do motor, princípios de electricidade e inflamação. Órgãos auxiliares, transmissão, arranque, leito, molas, eixos, direcção, rodas, pneumáticos, camaras de ar e iluminação. Caixas de carros e seus acessórios, aparelhos de alarme. Condução e avarias. Tipos de automóveis, leitões (chassis), caminhões, motocicletas. Garage, conservação e reparação, indicações úteis, tabelas, legislação, etc., etc., por

António Augusto Mendonça Teixeira

Um volume de 670 páginas,
encadernado em percalina
Escudos **25\$00**

Pedidos aos Editores: **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Por **CÂNDIDO DE FIGUEIREDO**

Da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Brasileira, da Real Academia Espanhola, da Sociedade Asiática de Paris, da Academia de Jurisprudência de Madrid, do Instituto de Coimbra, etc.

QUARTA EDIÇÃO

Muito corrigida e copiosamente aumentada.
O Novo Dicionário é o mais actualizado, autorizado e completo Dicionário da Língua Portuguesa

A aparição do NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, em 1900, foi calorosamente saudada pela imprensa periódica de Portugal e do Brasil.

Em sessão da Academia das Ciências fez o elogio da obra o falecido académico Gonçalves Viana, grande autoridade portuguesa em assuntos de lingüística; e a principal corporação literária e científica da vizinha nação, a Real Academia Espanhola, que raros estrangeiros recebe no seu grémio, elegeu seu sócio o autor do NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, aprovada a proposta, feita nesse sentido, pelo famoso escritor e diplomata Juan Valera, pelo filólogo e senador Daniel de Cortejar e pelo sábio Mir.

Podemos afirmar que o autor, à custa de longas e incalculáveis fadigas, conseguiu reunir, em todas as esferas da actividade e do saber humano, cerca de 130.000 vocábulos portugueses que ainda não estão registrados nos menos incompletos e menos imperfeitos dicionários da língua pátria.

Um dicionarista conhecido, cuja obra abrange realmente numeroso vocabulário, ufana-se de que o seu dicionário abranja 66.000 vocábulos. Acrescente-se a esta cifra mais 53.613 e entrever-se-á que os vocábulos reunidos pelo sr. Dr. Cândido de Figueiredo no NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, abrange nesta nova edição um número que atinge 119.613 vocábulos ou artigos.

2 grossos vol. sólidamente enc. em carneira 250\$00

PEDIDOS A **S. E. PORTUGAL-BRASIL**
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

A' venda a 9.^a edição

DE

Doida de Amor

NOVELA

por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

«Conhece-se através deste livro o psicólogo subtil, penetrante, escrupuloso, exacto, capaz de percorrer quilómetros sobre uma folha de rosa, de explicar em vinte volumes de análise a sombra furtiva de um capricho de mulher».

— **Julio Dantas.**

1 vol. de 276 pags., brochado

10\$00

Encadernado **14\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

CIMENTO ARMADO

2.^a edição

Propriedades gerais. Materiais usados: o metal, o betom. Resistência dos materiais. Cálculo do cimento armado. Pilares, vigas e lages. Aplicações: Alicerces, pilares, paredes e tabiques. Muros de suporte. Sobrados, lages e vigas. Coberturas e terraços. Escadas. Encanamentos. Reservatórios e silos. Chaminés. Postes. Abóbadas e arcos. Casas moldadas. Outras aplicações. Formas e moldes. Assentamento das armaduras. Execução do betom. Betoneiras e outras máquinas. Organização dos trabalhos de betom armado. Regulamentos, etc., por *João Emílio dos Santos Segurado.*

1 volume de 632 pág., com 351 grav.,
encadernado em percalina **25\$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

DICIONÁRIO DO Football Associação

ILUSTRADO COM 37 GRAVURAS
Com a apresentação do Dr. Salazar Carreira



Contendo termos técnicos ingleses e seus equivalentes em português. Regras do jogo e casos de deslocação

Livro indispensável a todos os amadores de football

1 vol. enc. com capa a ouro com cerca de 100 págs. 7\$00

PEDIDOS A
S. E. PORTUGAL-BRASIL
— Rua da Condessa, 80, 1.º — Lisboa —

As Minhas Aventuras pela Europa

POR

Charlie Chaplin (CHARLOT)

INTERESSANTÍSSIMO LIVRO DO POPULAR
AZ DO CINEMA

1 volume de 250 páginas brochado 10\$00

À venda em todas as livrarias

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Saiu a nova edição

ESTUDOS SOBRE O CASAMENTO CIVIL

POR

ALEXANDRE HERCULANO

1 volume de 284 páginas } brochado 10\$00
 } encadernado 14\$00

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Mil e um Segredos de Oficinas

Seguidos das tabelas de M. Exupère

para a

Conversão de quilates em milésimos

por

MARCEL BOURDAIS

Tradução de

CARLOS CALHEIROS

Obra indispensável a todos os que se ocupam de reparações nas oficinas e a quem interessa conhecer as diferentes receitas e segredos para a douradura, prateadura, niquelagem, bronragem, envernizamento, ligas, limpeza das joias, objectos de arte, e para qualquer operação de joalharia, ourivesaria, relojoaria, instrumentos de óptica, aparelhos de electricidade, armas, velocípedes, etc., e também para quem pretender organizar uma pequena indústria fácil e barata

1 volume de 300 páginas, brochado 10\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

História Universal

do grande historiador alemão

GUILHERME ONCKEN

Publicação em português dirigida e ordenada primitivamente por Consiglieri Pedrosa e seguidamente pelo Dr. Manuel de Oliveira Ramos, lente da Faculdade de Letras de Lisboa. A mais completa, a mais científica, a única que nos nossos dias constitui matéria de fé em todos os problemas e questões históricas. A primeira da actualidade. A obra de maior vulto que neste género se tem tentado em língua portuguesa. Profusa e ricamente ilustrada a cores, com reproduções de quadros célebres, representando batalhas, costumes, etc.; de monumentos, armas, objectos de arte, tipo de raças, grandes figuras históricas, autógrafos, páginas manuscritas, iluminuras, etc. Impressa em esplêndido papel, hors-textes em papel couché, in-4.º.— Encadernação própria e cerca de 1.000 páginas por cada volume

Já publicados

110 tomos — 19 volumes

Accitam-se assinaturas desde o início, facultando-se, a quem o desejar, a aquisição da obra a pouco e pouco, e longe de qualquer encargo pesado.

A terminar brevemente a publicação.

Cada volume, encadernado 65\$00
Cada tomo, brochado 8\$00
Encadernação por cada volume 25\$00
Capas para a encadernação 15\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE JÚLIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
— (1. ^a edição), 1 vol. br....	15\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br....	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5. ^a edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que eu lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que eu lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br....	9\$00
ARTE DE AMAR — (2. ^a ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 15\$00; br....	8\$00
CARTAS DE LONDRES — (2. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
CONTOS — (2. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
DIALOGOS — (2. ^a edição), Enc. 13\$00; br....	8\$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br....	1\$50
ELES E ELAS — (4. ^a ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
ETERNO FEMININO — (1. ^a edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br....	12\$00
EVA — (1. ^a edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2. ^a edição), 1 volume Enc. 13\$00; br....	8\$00
MULHERES — (6. ^a edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br....	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (4. ^a edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50
ALTA RODA — (1. ^a edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00

POESIA

NADA — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br....	6\$00
SONETOS — (5. ^a edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br....	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2. ^a edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3. ^a edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2. ^a edição), br.	3\$00
CRUCIFICADOS — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5. ^a edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENORIO — (2. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3. ^a edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6. ^a edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3. ^a edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5. ^a edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3. ^a edição), 1 vol. br....	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5. ^a edição), 1 vol. br....	2\$00
REI LEAR — (2. ^a edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br....	9\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10. ^a edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br....	6\$00
SEVERA (A) — (4. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. REPOSTEIRO VERDE — (3. ^a edição), 1 vol. br.	8\$00
SOROR MARIANA — (4. ^a edição), 1 vol. br.	5\$00
UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	3\$00
VIRIATO TRAGICO — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA
OU À LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística
dos últimos tempos em Portugal
Saíu o tomo 36 completando o 3.^o e último volume
da monumental

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção
de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século xviii. Impressa em magnífico papel couché os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, selos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.^o com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.^o com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.^o com 12 gravuras fóra do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada tomo de 32 páginas 10\$00

**AINDA SE ACEITAM ASSINATURAS
DURANTE ALGUMAS SEMANAS**

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00
" " " " carneira 190\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



O MELHOR ALMOÇO
O MAIS AGRADÁVEL
RECONSTITUINTE
OVOMALTINE
É A SAÚDE

A' VENDA EM TODAS AS FARMACIAS, DROGARIAS E BOAS
MERCERIAS
EM LATAS DE 110 grs. 250 e 500, AOS PREÇOS
DE 8\$50, 16\$00, 30\$00

DR. A. WANDER, S. A. — BERNE
Concessionarios para Portugal:

Alves & C.^a (Irmãos)
R. dos Correios, 41, 2.^a — Lisboa